

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



**NOÇÃO DE COMUNICAÇÃO NO CONCEITO DE PESSOA EM
EMMANUEL MOUNIER**



Nilza Maria Gomes

MESTRADO EM FILOSOFIA

(Filosofia da Natureza e do Ambiente)

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



**NOÇÃO DE COMUNICAÇÃO NO CONCEITO DE PESSOA EM
EMMANUEL MOUNIER**

Nilza Maria Gomes

MESTRADO EM FILOSOFIA

(Filosofia da Natureza e do Ambiente)

Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Paulo Alexandre E. Borges

2009

AGRADECIMENTOS

Manifesto a minha profunda gratidão:

À Faculdade de Letras Universidade de Lisboa.

Ao orientador do meu Mestrado em Filosofia, Prof. Dr. Paulo Alexandre Esteves Borges pelo apoio, e disponibilidade que teve em me aconselhar em todos os momentos.

Ao Prof. Dr. José Barata Moura, pela orientação e esclarecimentos que me facultou durante os seminários de investigação e cujos debates foram contributos muito importantes para a elaboração deste trabalho.

À Prof. ^a Dr.^a Cristina Guerreiro do Departamento de Estudos Clássicos pela amabilidade e disponibilidade dispensada na revisão literária deste trabalho.

À Dr.^a Maria José Meira do Departamento de Literatura pela gentileza e o apoio na revisão final desta Tese.

A todos os Professores dos meus seminários de Pós – graduação.

Aos meus colegas, pelos debates efectuados nos seminários que contribuíram para melhor clarificar as minhas ideias.

À República de Cabo-Verde (Ministério de Educação Cultura e Desporto) por me ter disponibilizado estar em comissão de serviço, durante a minha estadia em Portugal.

Ao IPADE (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento), pela Bolsa de estudo que me foi concedida permitindo frequentar o Mestrado.

Aos meus colegas de curso que sempre me prestaram apoio.

À minha família, em especial aos meus irmãos.

À minha querida prima e madrinha Maria do Livramento Évora e ao seu marido Reinaldo Évora pela dedicação e carinho que sempre me prestaram.

A todos os meus amigos que, directa ou indirectamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade.

DEDICATÓRIA

Com este trabalho presto homenagem à memória do Prof. Dr. Padre Pimenta Pereira, meu orientador de Bacharelato e de Licenciatura, na cidade da Praia, Cabo-verde.

À memória da minha saudosa mãe, Alcídia Gomes.

Ao meu filho Luís Marcos que me tem acompanhado em Portugal e sofrido com o menor acompanhamento da sua mãe durante a sua vida escolar e de adolescente.

RESUMO

Mounier foi um dos filósofos com maior influência na evolução do pensamento religioso, político, e social da primeira metade do séc. XX, particularmente na Europa e no Mundo ocidental.

Pensador de teses filosóficas baseadas na acção prática, assentes na experiência provinda da auto-realização gerada pelas actividades do corpo e do espírito num compromisso permanente com os valores em que se acredita, sentiu directamente como cidadão e reflectiu profundamente como teorizador sobre o dilema angustiante que se levantava aos seus contemporâneos: terem de optar por viver num isolamento radical assente na preferência por um forte egoísmo e alheamento do outro, (seja o caminho apontado pelas correntes personalistas mais identificadas com o existencialismo ateu, ou ainda nesta linha do individualismo orientar-se para um espiritualismo exacerbado próprio de quem se refugia na pureza do espírito contemplativo), ou deixar-se "objectivar" numericamente no meio de uma sociedade de indivíduos, atitude própria dos sistemas colectivistas de direita ou de esquerda, com um apagamento da forma de ser e de exprimir constitutiva do Eu, como Pessoa.

Para resolver filosófica e socialmente esta situação, Mounier propõe-nos uma terceira via interventiva radicada na acção prática: o Personalismo Cristão, desenvolvido a partir da Pessoa e do que ele entende ser constitutivo do seu Universo Pessoal, a forma adequada para conhecer a intimidade do seu próprio ser, a imperatividade de interagir e de Comunicar com o Outro, com a natureza, com o Ser Supremo numa simbiose única de corpo e espírito de imanência e de transcendência.

E é na nuclearidade do Universo Pessoal que Mounier coloca a matriz aglutinadora que possibilita o entre-cruzamento das diferentes formas comunicacionais da interioridade com a exterioridade, tema que irá ser tomado como pólo de desenvolvimento deste trabalho, apresentando a nossa

perspectiva sobre o que entendemos por “Noção de Comunicação no Conceito de Pessoa em Mounier”.

Palavras – chave: Emmanuel Mounier, Comunicação, Pessoa, Personalismo Cristão, Universo Pessoal, Eu /Outro /Ser Supremo, Dignidade, Liberdade, Compromisso, Comunidade, Dialogo, Comunhão, Alteridade, Auto-construção.

RÉSUMÉ

Mounier fut un des philosophes qui eut la plus grande influence dans l'évolution de la pensée religieuse, politique et sociale, au cours de la première moitié du XXe siècle, particulièrement en Europe et dans le monde occidental.

Penseur de thèses philosophiques basées sur l'action pratique et fondées dans l'expérience issue de l'auto-réalisation au moyen des activités du corps et de l'esprit dans un engagement permanent avec les valeurs dans lesquelles on croit, il éprouva directement comme citoyen et médita profondément comme théoricien le dilemme angoissant auquel furent confrontés ses contemporains : avoir à choisir de vivre sur base d'un isolement radical, impliquant un fort égoïsme et un éloignement de l'homme (que ce soit en suivant le chemin tracé par les courants personnalistes identifiés plutôt comme existentialisme athée ou en fonction d'un spiritualisme exacerbé, propre à celui qui se réfugie dans la pureté de l'esprit contemplatif), ou se laisser «objectiver» comme un numéro au sein d'une société d'individus, dans le cadre des collectivismes de droite ou de gauche, qui font disparaître la manière d'être et de s'exprimer constitutive du «je» comme Personne.

Pour résoudre philosophique et socialement cette situation, Mounier nous propose une troisième voie d'intervention enracinée dans l'action pratique: le Personnalisme chrétien, développé à partir de la Personne et de ce qu'il entend être constitutif de son Univers Personnel, comme forme adéquate de connaître l'intimité de son être propre, l'impérative nécessité d'interagir et de communiquer avec l'autre, avec la nature, avec l'Être Suprême dans une symbiose unique de corps et d'esprit, d'immanence et de transcendance.

C'est dans le caractère nucléaire de l'Univers Personnel que Mounier place la matrice centralisatrice qui rend possible l'entrecroisement des différentes formes communicationnelles de l'intériorité avec l'extériorité, thème que je vais prendre comme pôle de développement de ce travail, en présentant

notre perspective sur ce que j'entends par «La notion de communication dans le concept de Personne chez Mounier».

Mots clef: Emmanuel Mounier, Communication, Personne, Personnalisme Chrétien, Univers Personnel, Je/ Autre/ Être Suprême, Liberté, Dignité, Engagement, Communauté, Dialogue, Communion, Alterité, L'auto-construction.

ÍNDICE

Introdução	11
Capítulo I – Mounier e sua Época	16
Capítulo II – A inobjectividade da Pessoa	26
Capítulo III – Inter-relação e Comunicação Pessoal	34
Capítulo IV – As Estruturas do Universo Pessoal	41
1. Existência Incorporada	42
1.1. A Pessoa está mergulhada na natureza	42
1.2. A Pessoa transcende a natureza	44
1.3. A existência incarnada	47
1.4. A personalização da natureza	48
1.5. Obstáculos à personalização da natureza. Um optimismo trágico	50
2. A Comunicação	52
3. A Conversão Íntima	53
3.1. A intimidade. O privado	55
3.2. A vertigem das profundezas	56
3.3. Da apropriação à desapropriação	56
3. 4. A vocação	57
3. 5. A dialéctica interioridade-objectividade	59
4. O Afrontamento	60
4.1. A singularidade. O excepcional	61
4.2. Os valores da ruptura. A pessoa como protesto	62
4.3. A luta de Jacob. A força	63
4.5. A afirmação	64
4.6. O irreduzível	65
5. A liberdade com condições	66
6. A Eminente Dignidade	69

6.1. A felicidade	70
6.2. A ciência	72
6.3. A verdade	73
6.4. A comunidade dos destinos. A história	78
6.5. Os valores religiosos	79
6.6. Obstáculos aos valores	80
7. O Compromisso	80
Capítulo V – A fundamentalidade da Comunicação	
em Mounier	87
Conclusão do trabalho	102
Bibliografia	106

Introdução

«L'effort vers la communication travaille sans arrêt les formes de l'expression et dépouille la pensée spontanée des idées fausses, des utopies, des complications»¹

Emmanuel, Mounier

Este trabalho constitui uma reflexão em torno da Pessoa na perspectiva de Mounier, bem como do comportamento adequado para orientar as nossas reflexões sobre nós próprios e as relações comunicacionais a estabelecer com o Outro, o Mundo e o Ser Supremo.

A actualidade do seu pensamento, estruturada numa dinâmica interventora própria da filosofia prática revela-se, pela importância axial que Mounier dá à Pessoa como realidade composta por um corpo/espírito inseparáveis, base de sustentação de sua imanência e transcendência, das diferentes formas comunicacionais.

Compreender e reflectir sobre duas das questões fundamentais: 1) A Pessoa pode ser definível ou considerada como um objecto? 2) Como entender a capacidade intrínseca da Pessoa para estabelecer Comunicação consigo própria, com o Outro, com o Ser Supremo de forma imediata?

Estes são dois problemas centrais intimamente articulados entre si, que desde logo captaram o nosso interesse, levando-nos a elegê-los como temas preferenciais da nossa investigação.

A sistematização do pensamento de Mounier, particularmente desenvolvido ao longo dos anos na Revista *Esprit* e a partir do qual ele fundamenta o conjunto de teses sobre a Pessoa e o Personalismo, permitem-nos afirmar que, ao centrar a sua problemática sobre o ser humano e a sua intervenção no Mundo, seja considerado um filósofo da acção prática.

Um pragmatismo bem compreensível, por partir de um filósofo dotado de grande cultura histórica que lhe permitia considerar que a inexistência de Comunicação, de forma voluntária ou involuntária, entre o Eu e o Outro e de

¹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome II, Éd. Du Seuil, Paris, 1961, p. 663.

ambos com o Ser Supremo sempre foi e é geradora de crises, a título pessoal e a nível de comunidade, provocando nefastas consequências de ordem económica, social, política, religiosa e cultural.

Foi precisamente a sua capacidade em reconhecer que se estava um período de viragem e de grande agitação e com graves consequências sócio – económicas (a crise económica dos anos 30, o pós I guerra Mundial, com o desenvolvimento de ideias colectivistas e de individualismo ateu), que o levou a repensar e a tentar intervir na sociedade do seu tempo como homem de acção, contribuindo para encontrar um novo propósito, uma saída para a precária situação que assolava as Pessoas e o Mundo Ocidental. O objectivo do Personalismo era contribuir para ultrapassar a crise espiritual, bem como a económica, social política e cultural, que dominavam a época, tentando resgatar a Humanidade da sua caminhada para um precipício que se vislumbrava como inevitável e acabou por acontecer, a segunda grande Guerra Mundial (1939 - 45).

Como Director da *Esprit* da qual era o seu maior sustentáculo ideológico, veio a ser considerado como um dos mais importantes impulsionadores do Personalismo Cristão, filosofia centrada na Pessoa e no seu Universo, que pressupunha obedecer a uma orientação determinada por uma escala de valores que lhe é própria, sem esquecer o significado da sua vocação para viver em permanente diálogo com o Outro, no respeito pela dignidade de cada um, vivência, somente possível quando se reconhece a existência de um plano de igualdade entre todas as Pessoas.

Mounier, como Personalista Cristão, defende que a Comunicação entre Pessoas não se efectua só a nível da imanência, mas também de forma transcendente entre o “Eu”, o “Outro” e o “Ser Supremo”, fazendo desta triologia um dos temas centrais dos seus textos os quais foram apresentados, de uma forma pedagógica na revista *Esprit*, como já referimos e outros, todos eles compilados nas *Oeuvres*. A preocupação fundamental de Mounier era despertar a Pessoa para a aceitação de valores autênticos, pela sua redignificação na base do reconhecimento da sua existência na interioridade de cada um, interagindo com o amor ao Outro, forma superior de exterioridade, através de um processo da inter-subjectividade.

Enrique Rojas, médico e pensador contemporâneo se afirma humanista. No seu livro «*O Homem Light*, Uma Vida sem Valores, escrito em 1994, sintetiza deste modo o seu entendimento sobre o Homem contemporâneo, «a razão porque a permissividade tem uma plataforma niilista: A resposta é que “um homem hedonista, consumista e relativista é um homem sem referências, sem pontos de apoio, aviltado, rebaixado, codificado convertido num ser livre que se move para todos os lados, mas que não sabe para onde vai; um homem que, em vez de ser bússola é catavento»².

Como vemos é uma posição bastante próxima de Mounier identificando o seu conceito do ser humano, com uma Pessoa imbuída de valores, em busca da verdade consistente, orientada por uma consciência formada e dirigida para o bem, dentro de uma esfera da moralidade, o que não acontece com o homem “light”.

A título de síntese, podemos dizer que Mounier era um Humanista, no sentido de que o identificamos como um neo-renascentista preocupado com a centralidade e a dimensão integral do ser Humano. É a partir desta sua primeira identificação como pensador Humanista, que podemos compreender a sua perspectiva de Pessoa, criando uma teoria em torno desta sem a definir, colocando-a como ponto de partida para o Personalismo e não o inverso.

Deste modo, iremos tentar, numa primeira parte, situar a filosofia de Mounier, através de uma breve reflexão em torno da mesma no contexto espaço-temporal em que vivia, bem como avaliar as influências recebidas e transmitidas.

Numa segunda fase, é nosso objectivo reflectir sobre a perspectiva do que Mounier entende por Pessoa, a centralidade do seu pensamento, no qual nos deixa claro que para ele só podemos definir objectos, “coisas”, o que a Pessoa não é. Bem pelo contrário, sendo inobjectivável, a Pessoa é a única realidade ontológica que se pode identificar como dotada de uma dignidade e de valores próprios, por si criados, não dependentes de outrem, mas que tem igual consistência no Outro, assunto que lhe mereceu um destaque especial ao ser tratado no terceiro capítulo deste nosso trabalho intitulado: “Inter-relação e Comunicação Pessoal”. Resumindo, é a constatação do seu entendimento de

² Rojas, Enrique, **O Homem Light, Uma vida sem valores**, trad. Portuguesa de Pe. V. M. Neves, Ed. – Gráfica de Coimbra, 1994 p. 35.

Pessoa como figura única, irrepetível, mas igualmente comunitária, integrante do mundo.

Num quarto capítulo, mais extenso, desenvolveremos o tema: “As estruturas do Universo Pessoal”, incidindo a reflexão sobre a realidade da Pessoa, assente na sua globalidade de corpo/espírito, uma compreensão da Pessoa na sua integralidade.

Nestas estruturas, Mounier evidencia o facto de a Pessoa se desenvolver pela sua autoconstrução, do mundo e da Humanidade, processo somente possível pela liberdade, afirmando as suas convicções, negando-se a ser rebaixada para o nível de objecto, categoria que não tem lugar na filosofia de Mounier. Reagindo contra esta desqualificação, Mounier incita a Pessoa a ter uma atitude dinâmica perante as injustiças, a indignidade, própria dos anti-valores, pensar e agir criticamente, a única forma de merecer o nome de Pessoa e não de indivíduo, na tarefa de contribuir para humanizar a comunidade.

Por último, e a finalizar este trabalho, num quinto capítulo, “A Fundamentalidade da Comunicação em Mounier”, o qual será a base demonstrativa de que a Comunicação, sendo uma das estruturas do Universo Pessoal, é essencial porque nos põe em contacto com o Outro, nos identifica com ele, o Mundo, o Ser Supremo, retirando-nos do isolamento, quando identificado com demeritórios comportamentos egoístas.

Para Mounier a Comunicação apresenta-se assim como o reverso da medalha do isolamento, situação vazia de conteúdo ontológico e moral.

Capítulo I

Mounier e sua Época

«Le « *personnalisme* », tant qu'il dépendra de moi, ne sera jamais un système ni une machine politique. Nous employons ce terme commode pour désigner une certaine perspective des problèmes humains, et pour accentuer, dans la solution de la crise du XXe siècle, certaines exigences qui ne sont pas toujours mises en Valeur.»³

Emmanuel, Mounier

Não é fácil entender a plenitude do pensamento de E. Mounier sem, previamente, fazer uma breve reflexão biográfica contemplando as linhas mestras que determinaram o desenrolar da sua vida, das teses que presidiram à evolução do seu pensamento, sempre suportado numa grande pertinácia, contra tudo e contra todos, em defesa do primado da Pessoa tal como entende dever ser categorizada como pilar fundamental em que assenta a realidade do mundo.

Começando por fazer uma curta síntese biográfica, particularmente baseada naquela que foi escrita por sua mulher Paulette Mounier, como nota de abertura ao volume primeiro das *Oeuvres*,⁴ acrescida de outros comentários recolhidos em vários dicionários de filosofia e em outras obras sobre Mounier que constam da bibliografia consultada, será importante referir alguns aspectos da sua vida de maior relevância para a formação do que constitui o cerne da sua proposta filosófica: o Universo Pessoal como vértice de um dinamismo tridimensional, compreensivo do intimismo do Eu, da minha Comunicação com o Outro e com o Ser Supremo, na compreensibilidade das suas vertentes, imanência e transcendência.

E. Mounier (1905-1950) nasceu em Grenoble, França, no seio de uma família católica da classe média. Terminados os estudos liceais fez um brilhante percurso académico em Filosofia, na Sorbonne, para onde entrou em 1927. Concluída esta fase Universitária, vem dar aplicação à sua formação académica como professor de filosofia em vários liceus da França e da Bélgica.

³ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris 1944-1950, p. 179.

⁴ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil, Paris 1931-1939, p. 7/9.

Em paralelo com a sua actividade docente, foi desenvolvendo uma intensa actividade literária e filosófica, em estreita articulação com outros pensadores de matriz cristã. Entre outras, as mais significativas são as ligações estabelecidas com Michel Peguy: (filho de Charles Peguy, pensador cristão, sobre o qual havia feito um trabalho de investigação), Jacques Maritain e N. Bardiaeff com os quais, progressivamente, foi intensificando a colaboração que o levou mesmo a abandonar as funções de professor para se dedicar, em 1932, exclusivamente à fundação e direcção da revista francesa *Esprit*.

É através dos textos que regularmente vai publicando naquela revista que Mounier, de forma mais sistemática, expressa o seu pensamento. Quer a revista *Esprit*, quer outras publicações, integrando o total dos seus escritos, foram posteriormente organizadas e compiladas, em quatro volumes por sua mulher, Paulette Mounier, sob o título *Oeuvres*⁵.

Entre os livros que aí se encontram compilados, destacamos a que poderá ser considerada a sua obra mais importante, «*Le Personnalisme*»⁶, editado já no pós-guerra, no final de 1949, e poucos meses antes de falecer subitamente, ainda jovem, com a idade de 45 anos.

Mas a revista *Esprit*, à qual tão empenhadamente se dedicou e onde está parte significativa do seu pensamento filosófico, teve uma existência atribulada, particularmente durante a época da França “petainista” rejeitada pela maioria dos franceses, circunstâncias que se reflectiram também na vida pessoal e profissional. O homem de acção que era Mounier, em nome do seu patriotismo, de um anti-nazismo militante, dos compromissos com os valores que defendia e da dignidade pessoal, veio a colaborar com os movimentos da resistência contra a ocupação alemã, sofrendo as inerentes consequências bem como a sua família e a própria revista.

Não é assim surpreendente que pela activa intervenção sociopolítica e religiosa da *Esprit* na sociedade francesa, extensiva a muitos outros países europeus, esta revista tenha sido suspensa pela censura, em 1941, Mounier desmobilizado do exército e preso (1942), situação que o levou a fazer greve de fome e, posteriormente a ser julgado, sendo colocado em liberdade, em 1943.

⁵ Ibidem, 1931-1939.

⁶ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 748.

Na sequência deste conjunto de situações difíceis «ele e a família ficaram na penúria e para cúmulo morre a filha Francisca»⁷.

A *Esprit*, só iria ser novamente reeditada em Dezembro de 1944, no final da ocupação alemã, vindo a ter o seu apogeu depois de terminada a 2ª grande guerra mundial, mantendo a sua importância e actualidade até à morte de Mounier, em 1950, e ainda hoje se publicando.

É também nesta revista que, além de Mounier, muitos outros pensadores que defendem um “personalismo cristão” afirmativo do primado da Pessoa contra o colectivismo, de esquerda ou de direita, e condenatório dos existencialismos laicos, vêm a publicar as suas teses.

A sua curta vivência de apenas 45 anos, embora preenchida com uma grande e intensa actividade escrita, como podemos constatar pelo conjunto de textos e livros compilados em *Oeuvres*, hipoteticamente acabou por constituir uma circunstância adversa que lhe retirou a possibilidade de melhor poder aprofundar e dar a conhecer o seu pensamento sobre Pessoa e o Personalismo. À data da sua morte e no auge da sua actividade intelectual, Mounier «estava a concluir estudos sobre Malraux, Camus, Sartre, Bernanos»⁸, o que revela a sua preocupação em analisar as correntes de pensamento contemporâneas, relativamente às quais estava em divergência.

Como consequência desta súbita e imprevista interrupção do seu labor intelectual tão apreciado no pós -guerra pela vitalidade e modernidade das suas teses, de algum modo visionárias, no prosseguimento de uma valorização provinda das décadas anteriores, a partir da sua morte veio a sofrer um progressivo apagamento perante a ascensão e divulgação do existencialismo ateu e também das acusações dos meios mais conservadores às suas ideias, enfermarem de alguma benevolência com os ideais comunistas, posições que deixou de poder rebater.

Michel Renaud, sobre esta ascensão e queda de Mounier, traça-nos, esta curiosa síntese: «O personalismo de Mounier aparece hoje como simultaneamente ultrapassado e eminentemente actual. O contexto histórico em que nasceu, o seu diálogo com um cristianismo pré-conciliar, com um marxismo

⁷ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris 1944-1950, p. 21.

⁸ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil, Paris 1931-1939, p. 81.

que ainda se apresentava como uma promessa credível para muitos, com um existencialismo então em pleno desenvolvimento, dão às discussões de M. um sabor de «moda retrógrada» que faz do personalismo uma corrente de um passado ultrapassado. Mas a intenção que o animou, a força que guiava o seu pensamento, a coragem de afrontar todos os desafios da época, bem como a sua compreensão de base da pessoa, permanecem actuais e ainda estão à espera de novos desenvolvimentos: a sua intuição ainda não esgotou todas as potencialidades especulativas. Tal como Ricoeur, de quem o filósofo foi amigo próximo, Michel Renaud igualmente sustenta que para Mounier é a Pessoa que fundamenta o personalismo e não o inverso, pelo que «poderíamos dizer: morra o personalismo para que viva a pessoa»⁹.

Mais do que um teorizador académico, principalmente preocupado com correntes filosóficas abstractas e especulativas sobre a existência do ser humano, ou valorizadoras somente do espírito, Mounier é um homem do seu tempo com um profundo sentimento do que é ser Pessoa, afirmação de si próprio quando em permanente Comunicação com os Outros, numa integração conjunta na comunidade, e, noutro plano, com o Ser Supremo.

Propõe-nos que, entre viver numa sociedade capitalista ou colectivista, devemos optar por seguir uma “terceira via” assente na centralidade axial da Pessoa. Eram preocupações legítimas de quem vivia numa sociedade em profunda crise, e por isso se manifestava dramaticamente preocupado e angustiado com o crescente desabar do mundo que observava à sua volta.

Se a época em que viveu, a 1ª metade do séc. XX, foi especialmente rica em propiciar condições favoráveis a uma progressão em todos os domínios, científicos, económicos, religiosos, sociais e outros, e aberta a todos aqueles que queriam dar um contributo positivo e activo para essa evolução, desafortunadamente durante este período também aqui germinavam as causas mais profundas, daqueles tempos de crise, pela perda de valores de referência, que tiveram consequências fortemente negativas e condensadas em poucas décadas: as sequelas político-sociais ainda não totalmente resolvidas da 1ª guerra Mundial, a crise Americana de 1929, a ascensão do fascismo, o nazismo, a guerra civil de Espanha, a 2ª Guerra Mundial, entre outras.

⁹ Logos, **Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia**, Ed. Verbo, Lisboa, 1991. III Vol, p. 1013.

É consensual, entre os vários estudiosos da obra de Mounier, considerar que o seu pensamento, foi navegando, guiado pelo farol das suas fortes convicções católicas e tentando sempre demonstrar a existência dos escolhos que entendia como sendo os efeitos nefastos da crise económica: das consequências da grande depressão americana, conjugadas com o triunfo dos totalitarismos de direita ou de esquerda, se houve um reforço das economias de Estado e um crescimento exacerbado de economia capitalista, em ambos e em paralelo se verificou um rebaixamento das condições de vida dos trabalhadores.

Mounier, neste conturbado e catastrófico cenário mundial em que estava dramaticamente mergulhado, propunha-se ir contra-corrente, retomando os princípios de um humanismo aberto a todas as Pessoas, independentemente da sua religiosidade, mas fundamentado na ética cristã, na revalorização «renascentista» do homem como centro do mundo, no viver em comunidade, menorizando a sua qualificação como indivíduo.

Michel Renauld, na *Logos* sintetiza do seguinte modo, este núcleo duro do ser Pessoa em Mounier: «a sua acção está também ligada à tomada de consciência das crises que a sociedade europeia atrevessou entre 1930 e 1950: a crise económica dos anos 30, a subida dos totalitarismos, o desafio marxista, a guerra mundial. Como não iniciar a sua reflexão por uma espécie de «dúvida metódica de carácter histórico e cultural» (Ricoeur), dúvida à qual ele responde pelo projecto de «refazer o Renascimento», como indica o título do 1º número de *Esprit*? Isto mostra já que M. não pretendia construir um sistema filosófico, mas intervir sobre a história e dentro dela, à maneira de um pedagogo, em vista a desenvolver um projecto de civilização».¹⁰

Foi este agitado “caldo de cultura”, que deu fundamento e criou condições para que o espírito de acção que caracteriza Mounier pudesse dar expressão a toda a sua capacidade e necessidade de intervir, de forma pública e alargada para além dos restritos meios académicos e universitários que o rodeavam. Mas quais eram as suas matrizes filosóficas, os pontos de partida, que desde logo perfilhou, quais as mensagens que nos pretendeu transmitir, ao tomar a decisão de investir todo o seu projecto de vida, na revista *Esprit*?

¹⁰ Ibidem p. 1010/1011.

Se neste trajecto de vida profissional e pessoal facilmente se reconhece em Mounier linearidade de comportamento como cidadão exemplar norteado pelos grandes princípios da moral cristã, igual conclusão podemos tirar quando nos debruçamos sobre a coerência do seu pensamento filosófico, o qual veio a exercer grande influência sobre outros pensadores e correntes sociais, políticas e religiosas.

Na bibliografia consultada sobre este tema, é na obra de «Frei Bernardo Domingos Gonçalves Domingues, O. P, “ O Mundo e Deus confrontam-se na obra de Emmanuel Mounier,»”¹¹ que encontramos o perfil mais bem elaborado sobre a sua formação filosófica pelo que o citamos predominantemente. Todavia, como era previsível, e reforçando as nossas próprias convicções sobre o assunto, constatámos que noutros livros e dicionários filosóficos consultados, algumas das observações são totalmente concordantes com as de Frei Bernardo.

Charles Peguy surge como a primeira grande referência na formação de Mounier, que desde muito cedo se dedicou a estudar a sua obra. Nela descobriu muitos pontos de contacto com o seu pensamento, vindo a estabelecer fortes laços de amizade com o seu filho Michel. Diz fr Bernardo: «o seu encontro é perfeito porque foi uma autêntica comunhão»¹².

Ainda na sua juventude, enquanto frequentava o liceu, «entusiasmou-se com as perspectivas filosóficas de Bergson»¹³, Mas é com a sua matrícula em filosofia, em 1927 na Sorbonne altura em que ali ensinavam «Os chamados quatro “B”: Boutroux, Bruschiwicg, Blondel e Bergson»¹⁴ que Mounier consolida as suas reflexões sobre os temas e os autores que mais intensamente lhe interessa estudar, entre eles Renouvier que escreveu 1903 “*Le Personnalisme*”, título que muitos anos depois igualmente utilizariam, Pascal, Berdiaeff, Jacques Maritain, de quem se torna amigo.

Com o lançamento e responsabilidade pela direcção da Revista *Esprit* (1932), em conjunto com outros pensadores que ali colaboram (destacando Frei Bernardo entre outros Gromaire, Luçat, Berdiaeff, Ramuz, Wahl, P. H. Simon, J. Madaule, j. Maritain, Maxime Chasting)»,¹⁵diríamos que se esgota a fase de

¹¹ Domingues, Bernardo Domingos Gonçalves, O. P. **A Pessoa entre o Mundo e Deus**, Porto Ed. 1988.

¹² Ibidem p. 9.

¹³ Ibidem p.16.

¹⁴ Ibidem p.16.

¹⁵ Ibidem p. 20.

Mounier ser influenciado e, progressivamente, começa a ser alargada a sua posição de influenciador em conjunto com outros pensadores que ali escreviam e partilhavam as mesmas ideias. Entre eles destacam-se os seus amigos Paul Ricoeur, J. Maritin e Gabriel Marcel. Alguns deles vieram a ser colaboradores do *Boletim dos Amigos de Mounier*, que começou a ser editado em 1952, (dois anos após a sua morte)¹⁶.

Mas julgamos que não é no campo da filosofia que Mounier mais influencia o pensamento e a sociedade ocidental. Consideramos mais importante evidenciar o impacto das suas teses como um motor do “aggiornamento” da igreja católica. «Seria intensamente proveitoso fazer um confronto entre o Manifesto e a última encíclica de João Paulo II, nomeadamente a número 20» – diz fr Bernardo, o concílio Vaticano II, a sua influência na criação dos padres – operários surgidos em França no pós – guerra, os movimentos independentistas africanos, como inspiradores das teses sobre a teologia da libertação no Brasil, os múltiplos movimentos laicos surgidos em volta da igreja católica, na Europa, em África. E como católico progressista foi grande e nítida a sua influência em movimentos sociais e políticos ocidentais, destacando-se entre eles um primeiro movimento chamado “troisième force” liderado por Izar, intimo de Mounier que pretendia ser uma alternativa ao capitalismo agressivo e ao comunismo ateu [...]»¹⁷, e nos partidos políticos de inspiração cristã que com o título de democracias cristãs ou outros reflectem muito fortemente o personalismo defendido por Mounier.

Para finalizar esta reflexão, aludimos a dois temas levantados por Mounier – Educação e Cultura Africana – os quais nos suscitaram interesse, (na dupla condição de professora e de cabo-verdiana), pelo que sobre eles teceremos brevíssimas considerações.

Mounier não tem da educação uma visão redutora, limitada aos meios académicos. (« Le problème de l'éducation ne se réduit pas au problème de l'école: L'école est un instrument éducatif parmi d'autres»),¹⁸ é muito mais abrangente, estruturante, participante na formação da Pessoa, e na sua auto-construção ao longo de toda a sua vida.

¹⁶ Logos, **Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia**, Ed. Verbo, Lisboa, 1991. III Vol, p. 1013.

¹⁷ Ibidem p. 20.

¹⁸ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 522.

«La formation de la personne en l'homme, et de l'homme aux exigences individuelles et collectives de l'univers personnel, commence à la naissance»,¹⁹ posição que no mesmo texto se torna extensiva e abrangente à cultura.

Mas na sua visão sobre a Educação como formação, alerta-nos para o perigo de esta servir para alienar o homem, «l'éducation ne peut donc avoir pour fin de façonner l'enfant au conformisme d'un milieu familial, social ou étatique, ni se restreindre à l'adapter à la fonction ou au rôle qu'adulte, il jouera».²⁰

A Educação como instrumento na Formação da Cultura Africana é igualmente uma preocupação de fundo que manifesta no seu documento «La Route Noire»²¹ e sobre a qual faz reflexões bastantes interessantes, a pretexto da sua viagem a países francófonos de África, em 1947, particularmente numa «carta final»,²² dirigida ao seu (hipotético?) amigo africano Alioune na qual resume os pontos essenciais dos seus considerandos, convenhamos (nem sempre expressos, numa linguagem personalista!). Apesar de revelar alguma distorção, própria dos sessenta anos já decorridos e de quem só visitou uma parte de África, esta perspectiva não deixa de manter alguma actualidade e parcialmente merecer o nosso acordo, ainda que paradoxalmente, na *Route Noire* nem sempre seja utilizada uma linguagem própria de um Personalista Cristão. Mas no respeitante ao problema da cultura Africana, não podemos deixar de referir apenas alguns extractos da “Carta”, onde este aspecto é evidenciado e no qual ele reconhece que a cultura africana tem a mesma matriz da europeia, (a civilização euro-africana, como lhe chama), alerta o seu amigo Alioune para o perigo de esta também se abastardar.

«Plusieurs d'entre vous sont enclins à mépriser cette Afrique qui les tire en arrière, comme ces jeunes Européens issus de milieux simples, qui, découvrant la culture ou le luxe, deviennent ennemis de leur propre Passé. Ils embrassent plus ou moins explicitement le mépris de certains blancs pour les choses africaines»²³.

¹⁹ Ibidem p.521.

²⁰ Ibidem p. 521.

²¹ Ibidem p. 251.

²² Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950 p. 333.

²³ Ibidem p. 334.

Quanto à Educação, no sentido estritamente acadêmico, refere a necessidade de ser alargada a rede de escolas virada para o ensino prático, centrada em trabalhos manuais, particularmente os rurais, não caindo no erro de, como acontece nos países europeus mediterrânicos, os considerarem subalternos.

«Ce mépris des choses manuelles est naturellement assez répandu chez les Méditerranéens et chez les Africains. Nous le trouvons en Grèce, en Espagne, au Fezzan, en Côte, nous ne le trouvons pas dans l'Europe brumeuse. Il semble parfois que la lumière enivre l'esprit et décourage la main.»²⁴

E quanto à formação no sentido amplo de realização pessoal da vivência em comunidade, diz-nos Mounier «Vous êtes Africains dans votre chair vive, par votre enfance, par votre éducation, par le milieu où vous avez longtemps vécu»²⁵.

Uma síntese com que concordamos plenamente.

²⁴ Ibidem p. 337.

²⁵ Ibidem p. 333/334.

Capítulo II

A inobjectividade da Pessoa

«Or la personne n'est pas un objet. Elle est même ce qui dans chaque homme ne peut être traité comme un objet».²⁶

Emmanuel, Mounier

Reflectir sobre o Ser Humano, perspectivando-o como Pessoa dotada de uma integralidade única e irrepetível, numa indissociabilidade de corpo e espírito que se realiza pela acção permanente num processo de autoconstrução, fruto de experiência evolutiva da sua própria vida e exercida em liberdade plena, no seio da Humanidade e da Natureza com total respeito por ambos, constitui a centralidade do pensamento de Mounier.

Fundamentar e desenvolver o conjunto de teses que sustentam as suas teorias sobre a Pessoa e consequente personalismo, é a Causa a cuja defesa dedica o essencial de uma vasta obra filosófica, elaborada ao longo de toda a vida.

A constância “obsessiva” de Mounier em demonstrar teórica e praticamente, ser indispensável dar a máxima evidencia à redignificação da Pessoa na sua dimensão imanente e transcendente, se já era imperativo nos tempos conturbados que se viveram na Europa ao longo da 1ª metade do século XX, se já na altura se revelou de grande impacto pela sua oportunidade social, política e religiosa, ainda hoje, decorrida quase toda a 1ª década do século XXI, se mostra de grande actualidade, ao estar ancorada na fundamentação de valores que se mantêm válidos e pertinentes, quer na moral teórica, quer na moral prática.

Na verdade, temos de considerar que Mounier, além da sua perspectiva sobre o personalismo numa óptica Cristã, transcendental, é essencialmente, um homem de acção que pretendeu ser, e foi, interventor na sociedade manifestando livre e claramente a sua opinião e os compromissos que tinha assumido consigo próprio e com os seus contemporâneos, consciente de que estava a sacrificar a sua liberdade física e bem-estar pessoal, como se veio a verificar.

No essencial, o seu pensamento é o reflexo da sua posição moral, sobre os resultados de acção do ser humano como Pessoa, interagindo com a sociedade e a natureza que o circunda, não se deixando “aprisionar” por

²⁶ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 430.

intervenções e propostas teóricas de quem se limita, contemplativamente a apresentar uma visão metafísica da realidade do Homem no Mundo.

Não levar em consideração esse aspecto, essencial para Mounier, da estreita relação activa da Pessoa com a comunidade e a natureza em que está integrada, adequada ao tempo e ao espaço em que intervém, nas suas incidências físicas, racionais e morais, dificulta muito a compreensão do pensamento deste filósofo. Ele próprio constituiu um exemplo prático da sua teoria, ao ter um percurso de vida muito activa, politica religiosa e socialmente na sociedade francesa.

Mas, sendo a Pessoa, a “ideia mestra” em que está ancorado o pensamento deste filósofo, o que constitui para ele a sua essência?

«La difficulté de définir la personne morale, [...], vient de ce qu'en réalité ce terme est équivoque».²⁷

André, Lalande

Mounier é muito claro ao recusar definir Pessoa. Para ele só podemos definir objectos e uma Pessoa não é um “objecto”.

«A. Lalande, com a clareza que sempre coloca nas suas sínteses define três significados diferentes para a palavra Pessoa (Moral, física e jurídica), mas referindo “que se opõe sempre a objecto”²⁸». E quando explicita o que entende por “pessoa” moral, embora não o refira expressamente tem uma posição próxima de Mounier: «Ser individual enquanto que ele possui as características que lhe permitem participar na sociedade intelectual e moral dos espíritos: consciência de si, razão quer dizer capacidade de distinguir o verdadeiro e o falso, o bem e o mal;

²⁷ Lalande, André, **Vocabulaire Technique et Critique De La Philosophie**, Éd P.U. F. 108, Paris, – 1972, p. 760.

²⁸ Ibidem p. 759.

capacidade de se determinar por motivos dos quais ele possa justificar os valores diante de outros seres racionais»²⁹.

Nicola Abbagnano, num bem mais desenvolvido comentário sobre a evolução do conceito de Pessoa chama a atenção para os diferentes significados que foi tendo ao longo da história da filosofia concluindo que «o homem é pessoa porque nos papéis que desempenha é essencialmente definido pelas suas relações com os outros»³⁰ dando assim particular relevância à Comunicação, posição próxima a de Mounier, embora sendo um autor que ele omite.

Ainda que Mounier igualmente tivesse conhecimento daquelas definições clássicas de Pessoa inferidas por Abbagnano ao antever que os leitores do “*Personalismo*” sentissem a necessidade de conhecer uma que tivesse sido elaborado por ele próprio, tomando uma posição de imperativa recusa em fazer a sua formulação, porque entende não poder ser efectuada, baseando-se no facto de que se o fizesse a poderia desqualificar para a categoria de objecto. «On ne définit que des objets extérieurs à l’homme, et que l’on peut placer sous le regard [...]»,³¹ pelo contrário« Elle est même ce qui dans chaque homme ne peut être traité comme un objet»³².

Assim, quando aborda o tema Pessoa, considera somente possível dela fazer “uma designação rigorosa” : «La personne, en effet, étant la présence même de l’homme, sa caractéristique dernière, n’est pas susceptible de définition rigoureuse. Elle n’est pas non plus objet d’une expérience spirituelle pure, détachée de tout travail de la raison et de toute donnée sensible. Elle se révèle cependant à travers une expérience décisive, proposée à la liberté de chacun, non pas l’expérience immédiate d’une substance, mais l’expérience progressive d’une vie, la vie personnelle »³³.

Na integralidade de cada Pessoa, o essencial é considerar a evolução da sua vida entendida na unidade corpo/espírito, coexistente no mesmo indivíduo, através de uma autoconstrução realizada em permanente escolha de caminhos vivenciais que vamos descobrindo a cada instante dentro de nós e relativamente

²⁹ Ibidem p. 759.

³⁰ Abbagnano Nicola, **Dicionário de Filosofia**, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003, p. 763.

³¹ Mounier, Emmanuel **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 430.

³² Ibidem p. 430.

³³ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil 1931-1939, p. 523.

aos quais optamos, com plena liberdade, pelo percurso que queremos fazer, mas com uma noção ética inconciliável com a proposta pelos defensores do Individualismo. Na Obra “*La philosophie*” é – nos apresentada uma interessante evolução do conceito de Pessoa que julgo poderia ser subscrita por Mounier:

«Mais un autre glissement s’est également opéré, sous l’influence du stoïcisme puis du christianisme, pour faire de la personne une notion éthique. La personne, c’est l’être humain, défini par sa dimension de sujet moral, conscient du bien et du mal, libre et responsable»³⁴.

Neste percurso pessoal e livre não se pode deixar de considerar, nas várias opções, as estreitas implicações, positivas e negativas decorrentes das inter -relações com o outro, com a sociedade.

A visão dinâmica e auto construtiva da Pessoa, defendida por Mounier, impossibilita que a vida de cada Ser Humano se torne, objectivamente, uma referencia universal, estática, indistinta, de matriz colectivista que a partir das suas características de semelhança externa possa servir de padrão definidor para toda e qualquer outra Pessoa.

Ser Pessoa, na plenitude de corpo/espírito, somente é compreensível para si próprio, a partir de si mesmo, e da sua interioridade.

Dito de outro modo, cada ser humano tem um percurso próprio, autónomo, irrepetível na liberdade do seu projecto de vida como corpo e espírito, determinante de ser aquela Pessoa e só aquela, mas esta “universalidade” não o referencia como modelo ideal, fixo para um qualquer outro que não Eu.

Como, de igual modo, Eu não realizo a minha vida pessoal “modelada” no Outro. Embora a ambos, a mim e ao Outro, seja indispensável vivenciar a nossa inter-relação como um factor de aproximação, aceitando à partida que estamos em situação de igualdade, conseguida pela Comunicação, uma das estruturas do Universo Pessoal, referida por Mounier.

Mounier considera somente possível que, relativamente ao Outro, cada Pessoa tome conhecimento da sua exterioridade mundana, mas não da sua interioridade, pois esta é exclusivamente propriedade sua e nunca pode ser

³⁴ Akoun, André, **La Philosophie**, Éd. C. E. P. L, Paris, 1977, p. 365.

conhecida pelo Outro, dado que no mais íntimo, no mais profundo, somente está acessível a si próprio :

«La personne n'est pas le plus merveilleux objet du monde, un objet que nous connaîtrions du dehors, comme les autres. Elle est la seule réalité que nous connaissions et que nous fassions en même temps du dedans. Présente partout, elle n'est donnée nulle part.»³⁵

Não sendo um objecto, é a única realidade ontológica que se pode identificar como Pessoa estando dotada de uma dignidade e de valores próprios, por si criados, não dependentes de outrem.

Na sua opinião não se pode fazer “um inventário” do que constitui uma Pessoa, porque nela há sempre mais do que é possível ser percebido exteriormente, sendo necessário adicionar-lhe uma interioridade que dê consistência à unidade corpo/espírito e que só pode ser encontrada por uma contínua busca interior. Afirma o filósofo que Pessoa «est une activité vécue d'autocréation, de communication et d'adhésion, qui se saisit et se connaît dans son acte, comme mouvement de personnalisation».³⁶

O ser Humano, a Pessoa, tem uma dimensão que não deixa confinada a sua condição a um limite temporal, a uma historicidade redutora ; mais do que isso, obedece a um projecto de superação que a transcende dimensionando-a para além da sua imanência e é, neste movimento para lá de si própria, que ela sedimenta a sua individualidade e dignidade própria, mas devendo imperativamente reconhecer idêntica dignidade nos outros, em plano de igualdade levando a estabelecer com eles uma comunicação partilhante de valores autênticos.

Na verdade, a circunstância de a Pessoa ser um indivíduo com corpo/alma, isso não a torna auto-suficiente; precisa do Outro, de viver ele outro para se conseguir realizar numa dimensão que ultrapassa o seu quotidiano prático, sem dúvida necessário, mas insuficiente para lhe dar consciência da autenticidade de valores compatíveis com a sua dignidade.

³⁵ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 431.

³⁶ Ibidem p. 431.

Esta intrínseca capacidade de superar a vivência quotidiana existente em cada Pessoa, propiciadora da comunhão e partilha de valores que aproximam o Eu e do Outro, ambos em processo dinâmico de autoconstrução, é a resultante da consciência da presença de Deus, em cada um de nós.

Analisemos ainda uma outra designação de Pessoa apresentada por Mounier e que, de algum modo, condensa o pensamento do filósofo, sobre este tema:

«Une personne est un être spirituel constitué comme tel par une manière de subsistance et d'indépendance dans son être ; elle entretient cette subsistance par son adhésion à une hiérarchie de valeurs librement adoptées, assimilées et vécues par un engagement responsable et une constante conversion ; elle unifie ainsi toute son activité dans la liberté et développe par un surcroît, à coups d'actes créateurs, la singularité de sa vocation.»³⁷

Como vemos, é uma designação sintética (mas não uma definição) muito bem elaborada por Mounier, na qual, ele refere os elementos essenciais à compreensão dos factores mais determinantes e constitutivos da Pessoa.

Em síntese, Mounier considera que o Eu, na dupla assunção de corpo/espírito, só é integralmente Pessoa para mim própria, pela minha vivência do presente, consequência da minha autoconstrução mas igualmente integradora do meu passado. É a partir desta minha autoconstrução que se virá a moldar o meu futuro, a ser determinado pelas opções de vida por mim tomadas no passado e no presente, em plena liberdade.

Mas, como vimos, a minha Pessoa, vivendo no mundo, reconhece e identifica os Outros, como Pessoas dotadas com individualidade, dignidade, valores próprios, que igualmente se auto constroem através de um processo de vida idêntico ao meu, com as quais posso e quero interagir, Comunicar igualmente.

É pela Comunicação, constitutiva das estruturas do Universo Pessoal que se torna possível a passagem do egoísmo ao altruísmo, do ser humano confinado ao individualismo ao ser humano social. O problema da Comunicação, pela importância que tem no pensamento de Mounier e interesse que nos despertou,

³⁷ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil, Paris 1931-1939, p. 523.

iremos tomá-lo como tema central deste trabalho, começando por, previamente, analisar os pontos fulcrais que permitem o seu enquadramento e compreensão da sua essencialidade.

Capítulo III

Inter-relação e Comunicação pessoal

«L'impérialisme de l'individu est tel que la chose la plus difficile à faire accepter à un homme, c'est bien l'existence intégrale, à ses côtés, d'un autre homme revêtu des mêmes privilèges que lui».³⁸

Emmanuel, Mounier

Para Mounier, sendo a Pessoa, o Eu, o primeiro pólo necessário e indispensável à Comunicação, que vê no Outro, a título individual e comunitário, um indispensável segundo pólo, como identificar a validade e a autenticidade da relação que com ele pretende estabelecer?

Utilizando uma sua expressão, tomemos como “lignes de départ”, as relações, umas vezes separativas e outras identificativas de cada Pessoa com Outra, com a comunidade ou, como veremos também, com a natureza.

Sem estas “lignes de départ”, essencialmente expressas na revista *Esprit* no período que antecede a II Grande Guerra, e que se encontram compiladas no volume primeiros das Oeuvres de Mounier são dificilmente entendíveis as raízes do seu pensamento filosófico.

É neste primeiro volume que Mounier apresenta as bases fundamentais das suas teses sobre a Pessoa, nomeadamente no capítulo «Révolution Personnaliste et Communautaire»³⁹, teses que veio a retomar no pós-guerra, particularmente na sua obra *Le Personnalisme* (1949).

Em que assenta esta perspectiva de Revolução personalista?

Pela clareza e capacidade de síntese de Mounier na abordagem a estes temas, cito as “lignes de départ” que Mounier estabelece como axiomáticas: «Quand nous disons que la personne est en quelque manière un absolu, nous ne disons pas qu'elle est l'Absolu ; encore moins proclamons-nous, avec les Droits de l'homme, l'absolu de l'individu juridique»⁴⁰.

Com esta posição de princípio, Mounier reconhece a centralidade do “Universo” de corpo/espírito intrínseca a cada um, a cada Pessoa, mas não

³⁸ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome II, Éd. Du Seuil, Paris, 196, p. 513.

³⁹ Ibidem p. 935.

⁴⁰ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil, Paris, 1931-1939, p. 175.

confundível com o individualismo que ressalta da Declaração dos Direitos do Homem nem, tão pouco, com o Absoluto Universal.

— «La communauté, entendue comme une intégration de personnes dans l'entière sauvegarde de la vocation de chacune, est pour nous, nous le dirons bientôt, une réalité, donc une valeur, à une approximation près, aussi fondamentale que la personne»⁴¹.

É considerando este ponto de partida que Mounier vai estabelecer as regras da relação da Pessoa com a Comunidade, dele fazendo decorrer a defesa de uma perspectiva da autonomia da Pessoa à qual são reconhecidas obrigações, direitos, e inalienáveis valores próprios não contemplados nas teorias colectivistas. Linhas de fractura nítidas e determinantes, pela aceitação dos seguintes postulados:⁴²

— Uma Pessoa não pode nunca ser tomada como um meio, quer pela colectividade quer por outra Pessoa.

— A Pessoa não é um espírito impessoal, resultante de um acontecimento impessoal, com um valor ou um destino impessoal. A impessoalidade reside somente na matéria, nunca na Pessoa.

A própria Comunidade, ou bem que é um colectivo, integradora, constituindo uma “Pessoa de Pessoas” ou, se assim não for, limita-se a ser um imenso somatório de indivíduos, com uma força indistinta, amorfa, de mão-de-obra anónima e, como tal, somente perceptível como matéria, objectos.

— Nesta perspectiva, todos os regimes socio-políticos que consideram as Pessoas como objectos numéricos, não respeitando as suas próprias especificidades e vocações, são tiranias e, como tal, condenáveis.

— Para Mounier a Sociedade, nas bases legais da sua estrutura jurídica e social, não pode ter por missão subjugar e impedir o desenvolvimento das Pessoas que a constituem. Bem pelo contrário, deve estar ao seu serviço assegurando-lhe as condições de liberdade e protecção económicas que permitam o seu desenvolvimento.

Feita a determinação do lugar da participação da Pessoa na comunidade, totalmente inverso e diferente da que é permitida pela sua dissolução ou

⁴¹ Ibidem p.175.

⁴² Ibidem p. 175.

esmagamento efectuado entre os muitos milhares de indivíduos que exteriormente se assemelham a mim, igualmente participantes na sociedade em que o Eu se integra, há que reflectir sobre o que distingue a minha Pessoa de um Tu também Pessoa.

Mas o que faz com que o Eu não se limite a ser um indivíduo numericamente repetível e identificável como qualquer outro, diríamos uma espécie de “clonagem ontológica”, no meio de um conjunto tão densamente povoado?

Partilhamos da posição de Mounier nesta sua síntese: «Mais qu'est-ce que ma Personne?»⁴³ Ma Personne n'est pas mon individu»⁴⁴:

O indivíduo quando tomado unicamente como referência quantitativa, corresponde à dissolução da Pessoa na matéria, tornando-a indistinta de qualquer outro no tecido social em que se enquadra, torna-se um objecto contável.

Ora, a Pessoa contrapõe-se ao indivíduo, ao ser dona de si própria, livre e responsável pelas opções que toma e determinam a sua autoconstrução, na conquista de valores que faz por si própria. Citando novamente : «Elle est riche enfin de toutes les communions, avec la chair du monde et de l'homme, avec le spirituel qui l'anime, avec les communautés qui la révèlent.»⁴⁵

E reforça a sua recusa de que a Pessoa possa ser um indivíduo/objecto apreensível somente pela razão, sentidos, pelo meu conhecimento imanente, «ma Personne n'est pas la conscience que j'ai d'elle»,⁴⁶ nem se reduz à sua factualidade histórica ou à memória que tem de si próprio como indivíduo com vida familiar, profissional, social.

A minha Pessoa (como a tua Pessoa) é bem mais do que isso: ela é o “volume total de homem,” (178), expressão menos comum nos dias de hoje, que tem de ser entendida no sentido da totalidade da sua dimensão ôntica global, «Elle est un équilibre, en longueur, largeur et profondeur, une tension en chaque homme entre ses trois dimensions spirituelles : celle qui monte du bas et l'incarne dans une chair ; celle qui est dirigée vers le haut et l'élève à un universel ;celle qui

⁴³ Ibidem p. 176.

⁴⁴ Ibidem p. 176.

⁴⁵ Ibidem p. 177.

⁴⁶ Ibidem p. 177.

est dirigée vers le large et la porte vers une communion. Vocation, incarnation, communion, trois dimensions de la personne».⁴⁷

Com esta afirmação de imprescindibilidade da carne para a constituição da Pessoa, Mounier determina que ela não pode fugir à sua condição humana, terrena, comunitária. Nem é essa, para ele, a sua finalidade, a sua vocação.

Para a realização da Pessoa como um todo, não se pode desprezar a importância do corpo como pretendem alguns filósofos do espírito. Mas sem cair na posição inversa de somente dar importância ao espírito, reconhecer nele a existência, de um processo de autoformação *des personnes de personnes*, assente em três aspectos, todos eles fundamentais e imprescindíveis:

A meditação que propicia a vocação; o compromisso que o leva a reconhecer a sua incarnação; o despojamento como forma de um verdadeiro altruísmo.

Conclui Mounier que «si la Personne manque à un d'eux, elle déchoit.»⁴⁸ Imperativamente, a Pessoa a partir de uma realidade, contemplada na incarnação indissociável, ser corpo/espírito em simultâneo, deve ter como missão transfigurar a sua própria vida por um movimento de transcendência e intervir activamente, como membro de uma comunidade, no mundo dos homens e da natureza.

De forma muito sintética, mas muito expressiva, escreve : « le lien de la personne à la communauté est si organique que l'on peut dire des vraies communautés qu'elles sont, réellement et non par figure, des personnes collectives, des personnes de personnes»,⁴⁹concluindo: «Tout ce que nous avons dit de la personne, transposé, peut être repris au compte de la communauté. Elle n'est pas plus la somme des individus qu'elle dénombre qu'une personne n'est la somme des personnages intérieurs qui la bousculent».⁵⁰

Como vemos nestes trechos, Mounier confere à Pessoa, sem perda da sua singularidade, a existência de uma bidimensionalidade estrutural e orgânica, que permite dela fazer em simultâneo a constatação de ser figura única, irrepetível, mas igualmente comunitária e integrante do mundo. Leitura de comunitarismo totalmente diferente do conceito marxista baseado num colectivismo resultante da simples adição de indivíduos, quase indistintos entre si,

⁴⁷ Ibidem p. 178.

⁴⁸ Ibidem p. 179.

⁴⁹ Ibidem p. 194.

⁵⁰ Ibidem p. 194.

resume assim que «toute communauté aspire donc à s'ériger, à la limite, en personne»⁵¹. Em muito, ultrapassam o que se entende por uma sociedade composta por indivíduos num conglomerado mais ou menos impessoal levando-o a concluir que: «Au delà des sociétés où je m'inscris, il y a les autres. Toute le monde. L'Humanité.»⁵²

Embora reconhecendo a bivalência da Pessoa, na sua individualidade e enquanto interventora na comunidade, não prescinde igualmente de lhe atribuir uma relação responsável e espiritualizada com a Natureza colocando-se em contraponto ao positivismo ateu do séc. XIX, faz reger a natureza somente por leis e regras científicas que desvalorizam a intervenção do espírito. Esse Positivismo radical dá um total significado ontológico à matéria e culmina com a inexistência de Deus, por desnecessária, como defende Nietzsche.

É a estas perspectivas positivistas e ateias que Mounier faz uma crítica violenta, dedicando-lhe praticamente toda a sua atenção em “l'anarchie des mondes”, (capítulo terceiro, volume primeiro) condenando-as porque, nos seus pressupostos materialistas, fazem um apelo permanente à despersonalização.

Pelo contrário, partindo de pontos de vista totalmente opostos, Mounier na abordagem à íntima inter-relação estabelecida entre a natureza, a comunidade e as pessoas, defende que ela é regida por sistemas leis e orientações que se articulam entre si num confluente movimento de personalização (444)⁵³ que lhe permite compreender a Pessoa como um Universo Pessoal, singular, mas mergulhada e interventora no mundo:

«L'émergence de l'univers personnel n'arrête pas l'histoire de la nature, elle l'engage dans l'histoire de l'homme sans l'y plier entièrement.»⁵⁴ Retomando Mounier : « puisque la personne n'est pas un objet que l'on sépare et que l'on regarde, mais un centre de réorientation de l'univers objectif, il nous reste à faire tourner l'analyse autour de l'univers édifié par elle, afin d'en éclairer les structures sur divers plans dont il ne faudra jamais oublier qu'ils ne sont que des incidences différentes sur une même réalité. Chacun n'a sa vérité que relié à tous les autres»⁵⁵.

⁵¹ Ibidem p. 194.

⁵² Ibidem p. 195.

⁵³ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 444.

⁵⁴ Ibidem p. 444.

⁵⁵ Ibidem p. 438.

É sobre esta perspectiva da Universalidade da Pessoa e das condições da sua realização na vida e pela vida, por um processo de autoconstrução, sinteticamente denominadas pelo filósofo como “estruturas do universo pessoal,” onde se enquadra a comunicação, e que pela nuclearidade que tem na perspectiva filosófica de Mounier sobre a realidade da Pessoa como unidade de corpo espírito, nos leva a analisar, com algum pormenor o tema do Universo Pessoal; «Existence Incorporée, La Personne Imerge dans la Nature, La Personne Transcende la Nature, Conséquence de cette Condition, L’Existence Incarnée, La Personnalisation de la Nature, Échecs a la Personnalisation de la Nature. Un Optimisme Tragique, La Communication, la Conversion Intime, L’affrontement, la Liberté sous Conditions, L’éminente Dignité, L’engagement »⁵⁶ fazer em simultâneo a constatação de ser figura única, irrepetível, mas igualmente comunitária, integrante do mundo.

⁵⁶ Ibidem p. 441/ 506.

Capítulo IV
«As Estruturas do Universo Pessoal»

1. «Existência Incorporada»

Nas estruturas do Universo Pessoal, Mounier começa por constatar que as modernas correntes de espiritualismo assentam, de um ou de outro modo, num dualismo antropológico, que ele rejeita, ao admitir que a matéria e o espírito são independentes entre si, não têm a mesma categoria ontológica atribuindo a realidade ao espírito e negando-a à substância material, colocada assim numa posição secundária, apenas como aparência do espírito, mas sem o seu conteúdo, uma perspectiva neo-platónica do ser humano, mas não da Pessoa.

Sendo uma perspectiva contrária àquela em que se fundamenta o realismo no pensamento personalista, Mounier propõe-se desfazer o que considera equívocos, – admitir o corpo (matéria) e espírito (alma), como substâncias ontologicamente distintas e separadas, – defendendo que «l'union indissoluble de l'âme et du corps est l'axe de la pensée chrétienne.»⁵⁷ Para ele, deve-se entender a Pessoa em termos de síntese englobante, ou seja, uma unidade integrada e indissociável de corpo/espírito.

É uma perspectiva filosófica assente no conceito de “resgate” do cristianismo, com a qual Mounier se identifica, que necessariamente o leva a admitir que o realismo da Pessoa, do ser Humano somente pode ser compreendido na sua globalidade: O homem é integralmente «corpo» mas também «espírito».

Para demonstrar e defender o seu ponto de vista apresenta as teses que a seguir enuncio.

1.1. «A pessoa está mergulhada na natureza»

Como vimos, Mounier afirma que o Homem (Pessoa) é tanto corpo como espírito. Esta condição de unidade permite-lhe simultaneamente, necessitar e conseguir realizar-se tanto a partir das satisfações corporais, «de ses instincts les plus primaires: manger, se reproduire, il a fait des arts subtils: la cuisine, l'art d'aimer»,⁵⁸ como de atitudes e aspirações do espírito. Todavia a satisfação espiritual está sempre condicionada pela existência de um corpo, e da sua

⁵⁷ Ibidem p.441.

⁵⁸ Ibidem p.441.

integração no tempo e no espaço que a qualquer momento lhe interrompe a sua espiritualidade e o faz regressar ao mundo da natureza «Um espírito em êxtase pode ser detido por um incômodo corporal, um vômito, uma dor de cabeça, e aponta como exemplo S. João da Cruz. É neste sentido que afirma, «Il n'est rien qui ne soit en moi mêlé de terre et sang. ».⁵⁹

Importa-nos reter a analogia das situações comparativas anteriores, que, sem uma leitura mais atenta, poderia entender-se como justificativo do dualismo que o autor pretende refutar: Assim, “terra” e “sangue” que se podem tomar como equivalentes de “matéria” e “espírito, não são passíveis de serem consideradas como partes distintas de uma simples adição, erro de interpretação possível pela conjunção copulativa “e”, mas somente podem ser entendidas como indissolúvel união, a fusão do espírito com o corpo numa mesma existência.

Recorda Mounier que, na teologia medieval, o acesso às realidades espirituais mais altas e a Deus, só poderia ser feito através da matéria. Todavia, o desprezo pela matéria foi sendo postulado ao longo dos séculos e embora este princípio provenha da filosofia grega ele foi, sob falsa justificação, frequentemente pensado como cristão. Circunstância que, possivelmente, terá contribuído para dificultar, ainda hoje o reconhecimento de que a Pessoa Humana possa ter as duas dimensões, em simultâneo, corpo e espírito.

Daqui que seja necessário acabar com a perspectiva desse dualismo e entender o homem como “um ser natural” que pertence à natureza pelo corpo, pelo que este não é uma “queda” uma perda de qualidade ou algo que contribua para o “mal” do homem.

Importa-nos então conhecer como é possível, ao Homem, superar este conflito existencial: Ser um corpo, de natureza, que aparentemente o condicionou sem todavia constituir uma degradação, pode apresentar-se como limitador do espírito que lhe está associado.

⁵⁹ Ibidem p. 441.

1.2. «A pessoa transcende a natureza»

O homem tem uma qualidade de ser que o faz sair de si, do seu corpo, a transcendência. É nesta “riqueza,” capacidade de estar em constante tensão consigo mesmo, para sair de si, na procura de valores superiores que se encontra a “chave” para aquele conflito.

Dizer que o homem é transcendente não significa que esteja separado das realidades do mundo. Pelo contrário, para Mounier o homem é “alma/corpo numa síntese englobante.”

Ao ter a dimensão da transcendência, o homem é mais do que um ser natural, mais do que um simples “joguete da natureza.” Embora inserido na natureza transcende-a sempre pelo acto complexo da sua capacidade de “emergência” (sair de si), na perspectiva fenomenológico-científica de Teilhard de Chardin. Por conseguinte o reconhecimento de que o Homem transcende a natureza não é difícil, até porque o comprovamos por experiência ao darmos-nos conta de estarmos nessa situação. Para Mounier a dificuldade surge quando queremos precisar a noção de transcendência, «Notre esprit résiste à se représenter une réalité qui soit intièrement immergée dans une autre par son existence concrète, et cependant supérieure par le niveau d'existence»⁶⁰.

Nestes termos, segundo Mounier podemos admitir que ao Homem é cómoda a situação de não fazer um esforço conjuntivo que o leva a compreender esta noção da possibilidade de outra dimensão independente da natureza, dado que para que haja transcendência é necessário admitir outro centro aglutinador de forças, de poder, indispensável para desencadear e sustentar a continuidade das acções por si realizadas na natureza.

Mounier afirma, «si on veut rendre compte de l'humanité, il faut la saisir dans son exerce vivant et dans son activité globale».⁶¹ E para o filósofo o homem que procuramos definir como sujeito do acto transcendente, torna-se singular ao romper com as limitações impostas pela condição do “ser na natureza”, mediante «une double capacité»⁶²:

Pelo conhecimento do universo e por se saber que tem consciência de que somente ele pode ser o agente de transformação desse mesmo universo.

⁶⁰ Ibidem p. 442.

⁶¹ Ibidem p. 443.

⁶² Ibidem p. 443.

Tal singularidade decorre do facto de que «l’homme est capable d’amour, ce qui est infiniment plus encorre».⁶³, de qual resulta a felicidade de cooperar em liberdade. «L’homme n’est, plus bloqué dans son destin par le déterminisme»⁶⁴, que não domina nem prevê, ele é o resultado da sua própria auto-construção, conseguida em liberdade de acção. Quem negar esta afirmação, no entender de Mounier, abandona-se a um mito ou demite-se da sua vocação existencial. Compreendemos agora quão grande era a dignidade do homem, para a cristandade medieval, na sua explicação do homem como “Imago Dei” e da importância que era concedida à reencarnação.

É pelo contraste com este Homem, imagem de Deus, que Mounier refere o animal, sem capacidade de consciência reflexiva (conhecimento) e de reciprocidade de consciência (alteridade).

Apenas a Pessoa e nunca o animal tem a capacidade para sair de si de forma consciente, ser generoso com o Outro numa atitude não individualista de comunhão com ele, singular ou pluralmente, mas compreensiva com os seus problemas. Como diz fr. Bernardo, para Mounier, somente a pessoa «é fiel às amizades, aos compromissos, numa permanente aventura de partilha, que tem a novidade da Pessoa que se torna consciente e comunitária, encontra-se no dom.».⁶⁵

Assim, consciência e alteridade são duas características da noção de transcendência humana, de Pessoa. É por saber-se “em situação” que o Homem sai de si e se oferece para estar com, para se identificar plenamente com o outro, acção somente possível pela transcendência da Pessoa. Esta partilha com o “Outro” obtida num processo de reconhecimento da existência da alteridade torna-se uma conquista que constitui a história do próprio homem como ser integrante da Humanidade, uma permanente tensão de interioridade/exterioridade de indivíduo/comunidade, indispensável para atingir sua finalidade existencial em direcção à plenitude da transcendência.

Na perspectiva de Mounier, «são três as condições de possibilidade de o

⁶³ Ibidem p. 443.

⁶⁴ Ibidem p. 443.

⁶⁵ Domingues, Bernardo Domingos Gonçalves, O. P. *A Pessoa entre o Mundo e Deus*, Porto Ed., 1988, –p. 42.

Homem transcender a natureza»⁶⁶:

1ª. As dimensões da matéria e do espírito não devem ser isoladamente exaltadas ou desprezadas, mas entendidas numa perspectiva realista do seu valor relativo.

Isto quer dizer que nem o corpo, nem o espírito, por si só, têm uma dimensão própria que possa ser avaliada de forma positiva ou negativa, fora de uma escala de valores que contemple a transcendência, mas igualmente a imanência.

2ª. O personalismo não é um espiritualismo, pois trata do homem concreto e da sua problemática, enquanto ser que é, condicionado pela matéria. Só a partir desta dimensão terrena o Homem pode elevar-se espiritualmente, e nunca pode ser entendido sem referência aos valores, estruturas e vicissitudes do seu Universo Pessoal. Neste sentido Mounier critica tanto as teses de Freud que pretendem atingir o mesmo objectivo através do instinto, como de Marx que tem esta pretensão pela economia. Ambas devem ser avaliadas como vias de acesso para entender a pluralidade de todos os fenómenos humanos.

Mas aquelas teorias, tendo perspectivas que consideram o homem num sentido exclusivista e particular, nunca podem compreender o ser Humano na sua significação global. Em idêntica situação de incapacidade compreensiva se coloca o espiritualismo e o moralismo, ao desprezarem a dimensão biológica do homem, que continua a ser uma posição errada, embora por razões inversas do materialismo que não valoriza a dimensão espiritual. Tanto a ciência como a reflexão demonstram que o mundo e o homem reciprocamente se implicam e necessitam.

3ª. Diz Mounier « Il faut répéter au plan de l'action ce que nous venons de dire au plan de l'explication»⁶⁷.

Significa que, no viver quotidiano, é necessário encontrar soluções básicas que garantam ao Homem uma existência sustentada em elementares “infra-estruturas” biológicas e económicas.” Todavia estas, embora sendo necessárias, são ainda insuficientes se não lhe for adicionada a dimensão

⁶⁶ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd du Seuil, Paris, 1944 – 1950 p. 445, 446.

⁶⁷ Ibidem p. 446.

espiritual: «Le spirituel, aussi est une infrastructure»⁶⁸, tanto no âmbito da vida da natureza, como espiritual. Decorre deste equilíbrio a eficácia da própria realização humana, como Pessoa, e de importância fundamental que Mounier dá à existência incarnada, pressuposto onde radica o Personalismo bem diferente do concedido à existência idealizada, num conceito do espiritualismo.

1.3 «A existência incarnada»

Mounier justifica por que se deve entender o Personalismo de modo diferente do idealismo apontando os princípios desta oposição entre estas duas formas de conceber o homem:

Por um lado, o idealismo reduz a matéria a simples aparência do espírito. Compreende, nesta perspectiva redutora de matéria, a corporalidade do homem, mas negando-lhe a importância que confere ao espírito. Por outro lado dissolve a pessoa a um conjunto de relações objectivas, de circunstância temporal, afectivamente neutras, “frias” – diríamos.

Em contrapartida, o Personalismo postula que se por um lado a matéria se distingue da consciência (como autónoma e irreductível), ela só pode ser compreendida no exercício duma relação interior de consciência, pois o que é estranho à consciência não é por ela concebido sendo-lhe, portanto, desconhecido. O Personalismo afirma a existência “de uma relação dialéctica entre a matéria e a consciência, tão irreductível quanto a existência de ambas as realidades. Neste ponto poderíamos lembrar que, quando a matéria é considerada como «uns réseau de relations»⁶⁹ nada há de novo relativamente a Kant que afirma: «tudo o que conhecemos da matéria reduz-se a simples relações”, embora entre elas haja algumas independentes e permanentes pelas quais concebemos os objectos determinados»⁷⁰.

Outro aspecto importante do Personalismo, como já vimos, é a afirmação de que a existência da Pessoa é incarnada, existe sempre em situação. O corpo

⁶⁸ Ibidem. 446.

⁶⁹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 447.

⁷⁰ *Kritik Der Reinen vernunft*, II, 1ª parte, trad Porto Lisboa, 1998, p. 281.

não é um objecto entre outros, mas participa da existência do sujeito e é o conflito que faz a Pessoa.

Por conseguinte, tanto a experiência de ser sujeito (subjectiva) como a de ser corpo é a mesma e única. «Je ne peux pas penser sans être, et être sans mon corps: Je suis exposé par lui, à moi-même, au monde, à autrui, c'est par lui que j'échappe à la solitude d'une pensée qui ne serait que pensée de ma pensée»⁷¹. Pelos sentidos, o corpo projecta o homem no espaço, pelo passar dos anos ensina-lhe o tempo e pela morte, ensina-lhe a eternidade. Pode-se ver assim como o corpo, no ser Humano, é para Mounier base de consciência e de vida espiritual.

«Ma personne est incarnée. Elle ne peut donc jamais se débarrasser entièrement, dans les conditions où elle est placée, des servitudes de la matière. Bien plus, elle ne peut s'élever qu'en pesant sur la matière».⁷² Com isso podemos ver como para Mounier o corpo está subjacente à vida do espírito. Neste sentido, concorda mesmo com Marx e cita-o inclusivamente: «un être qui n'est pas objectif n'est pas un être».⁷³ Mas conclui de forma diferente, ao afirmar que um ser unicamente objectivo não poderá alcançar a grandeza do que é a vida pessoal sem dar dimensão à vida do espírito.

Mas se a Pessoa é vida corporal, suporte da vida do espírito, é igualmente vida na natureza, à qual reconhece identidade própria.

Mas esta vida, corporal e espiritual, da Pessoa tem uma relação com a natureza, com a qual estabelece uma relação física, mas também transcendente conferindo-lhe uma personalização própria.

1.4. «A personalização da natureza»

Primeiramente, afirma Mounier, a consciência compreende a realidade provinda da natureza. Mas não pode limitar-se apenas a isso, porque se a Pessoa se adaptar excessivamente ao meio natural limita-se a ser determinada pelas coisas, que a rodeiam, torna-se objecto “animal doméstico” ou peça de

⁷¹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 447.

⁷² Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome I, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 178.

⁷³ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 447.

“engrenagem” mecânica, sujeito passivo, preço a pagar pelo “conforto” de que usufrui, ao não querer nada mudar.

Pelo contrário, a grande tarefa da Pessoa no mundo é transformar progressivamente a natureza através «de plus hautes possibilités d’humanité»⁷⁴. Graças à sua racionalidade deve relacionar-se com a Natureza de modo racional, numa relação dialéctica e ascendente (448),⁷⁵ tendo sempre em conta o seu sentido ambiental e humano que não pode ser destruído nem pondo em perigo o seu equilíbrio ecológico.

Para isso é importante travar os ímpetos individualistas da ganância pela acumulação do “ter” desenfreado e do consumismo, sob pena de nos deixarmos cair na escravidão desse mesmo “ter”.

Na natureza e na comunidade deve sempre levar-se em consideração o que constitui para ambos o seu melhor e a procura de um equilíbrio sem prejudicar nenhuma das partes, e sem se deixar apropriar por injustificados e imorais interesses económicos.

Este objectivo supõe a força da afirmação da Pessoa, da sua vontade, e sentido de responsabilidade, assumido livremente.

Mounier, mesmo não sendo um ecologista “verde” com alguma precocidade, faz questão de revelar a insalubre relação das Pessoas com a natureza.

Frequentemente, a Pessoa nega a natureza como um dado, para a considerar objecto de posse da sua Pessoa, e assim sentir-se livre de a modelar à sua vontade, sem ter em atenção os interesses da comunidade, ou somente o que ela representa para o equilíbrio do ambiente. Se pensarmos, em grande escala, no que está a acontecer com o Amazonas, com os oceanos, ou em menor escala, com as agressões ao tecido urbano ou as características rurais dos locais onde vivemos, é fácil entender o que é o desrespeito dos interesses pela dignidade da natureza.

A finalidade da intervenção das Pessoas, só terá valor autêntico quando visar um mundo personalizado. O homem actual, ao pôr em prática processos e

⁷⁴Ibidem p. 448.

⁷⁵ Ibidem p. 448.

acções tendentes a alcançar os seus objectivos egotistas que o levam a intervir na natureza, corre sérios riscos de contribuir para a sua descaracterização, se confiar excessivamente na máquina e na técnica de produção, que elimina a dimensão humana e «déshabitude de l'intimité, du secret, de l'inexprimable»⁷⁶. Mas também não deve ter uma atitude radicalmente negativa perante o desenvolvimento técnico, há que lhe reconhecer enormes méritos pela libertação que deu às longínquas e primitivas servidões naturais. É preciso encontrar o ponto de equilíbrio, o que nem sempre é fácil, dado que esta personalização da natureza na sua relação com a novidade da técnica, por vezes apresenta-se ao homem como ameaça desestabilizadora de um sentido de segurança irracional, passivo, “vegetativo”.

Na verdade, para Mounier, o Homem não tem nem sinais, nem garantias de que é no íntimo do imobilismo presente que pode encontrar as certezas do futuro, se for guiado por um “bom determinismo” que não o deixe falhar.

1.5. «Obstáculos à personalização da natureza. Um optimismo trágico».

Pelo contrário, o futuro do homem não é “qualquer coisa” que se determine automaticamente a partir do seu presente, que se possa inferir ou deduzir logicamente. «Il est à chaque instant, sur de nouvelles difficultés, remis en cause devant le choix personnel de chacun de nous, et chacun de nous abandons le compromet.»⁷⁷ O carácter deste “cada momento” obriga a Pessoa a optar, a auto determinar-se, num processo de tensão permanente. Por conseguinte o homem existe sempre em circunstância. Mas esta tensão situacional é, por sua vez, nova e passageira: é “momento”.

Por isso a consciência permanente da situação em que se encontra reveste-se, para a Pessoa humana, de uma importância fundamental. Para Gabriel Marcel «a situação é oferecida ao sujeito com uma finalidade: a de ser ultrapassada».⁷⁸ Este carácter de “ultrapassagem” é, no fundo a dimensão da

⁷⁶ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 449.

⁷⁷ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 450.

⁷⁸ Marcel, Gabriel, **Pour Une Sagesse Tragique**, Éd Lisboa, Porto, Paris, 1969 p.184.

transcendência que, como vimos anteriormente, é uma das características de ser Pessoa.

Mas o que obsta à consolidação das situações que constantemente se sucedem, é o facto de por “essência” serem constituídas por permanente passagem de um momento ao que se lhe sucede, factor de imprevisibilidade, não controlável pela Pessoa. Daqui que a insegurança seja a própria condição do ser, aqui e agora. Porém a grandeza da Pessoa não se limita a tal reconhecimento.

Também se manifesta e afirma como “liberdade, a sua capacidade de travar luta contra tais obstáculos. Neste sentido, a grandeza do homem é de algum modo paradoxal: “optimista” (por poder escolher livremente) e trágica (porque pode errar ou até mesmo deixar que essa escolha consista na fuga evasiva à consciencialização, dessa sua capacidade de se determinar, refugiando-se numa “não escolha”, numa passividade existencial.)

Mas a “verdadeira tragédia” do homem é não poder evitar de se auto-construir; mas é também aí que radica a sua liberdade e dignidade, com toda a “carga” de optimismo que lhe confere esta situação de ser responsável por determinar as decisões sobre a sua vida. O homem “fusão” matéria/espírito, para cumprir integralmente, a sua vocação existencial, deve pensar e encontrar o seu futuro na bivalência de ser um “corpo espiritual” e um “espírito corporal”.

Qualquer tentativa de explicação recorrendo a soluções na base de um dualismo que os separa será, necessariamente, empobrecedora e parcial.

Eis a razão porque Mounier considera que existimos simultaneamente como seres, Pessoas incarnadas e “situadas.” Somos ao mesmo tempo espírito e corpo, o que faz com que cada pessoa seja “para além” do que possa dizer de si.

Mas esta condição de existência como corpo e espírito se nos permite a compreensão da Pessoa como ser uno, é insuficiente para nos ajudar a compreender qual a sua finalidade, dito de outro modo, a sua razão de ser.

A estrutura e, o Universo Pessoal, perdem todo o sentido se a Pessoa for um ser isolado sem a presença, o contacto, o confronto ou o amor em relação ao outro, desiderato somente possível se com ele conseguir estabelecer

comunicação.

É na Comunicação que se encontra a charneira do pensamento filosófico de Mounier na resolução da antinomia do indivíduo e da sociedade, tema que irei desenvolver na última parte deste trabalho, mas que na sequência lógica desta exposição e pela sua importância irei agora abordar de forma sucinta.

2. «A Comunicação»

Mounier considera a Comunicação a experiência mais nobre da Pessoa, ao fundamentar-se no acto de amor. Fundamento da sua tese duma existência incorporada.

Dizer que o homem é Comunicação equivale a dizer que é relação. Relação que se dá através de experiências concretas, ou seja no mundo da natureza, dos homens, de cada um em si mesmo, numa comunidade de Pessoas.

A Comunicação é fundamental para a Pessoa no processo de personalização, uma vez que é na relação, no contacto com o Outro também em processo, de personalização idêntico ao meu que é possível a integração, desenvolvimento e a afirmação pessoal.

A Comunicação então surge como uma presença voltada para o mundo e para os outros (embora diferentes), que só é autêntica quando em plano de igualdade, realizando-se pela experiência do Tu.

Pela sua própria natureza, a Pessoa é direccionada para o Outro, é relação, é «ser com». A Comunicação é a experiência cognitiva mais primitiva de um ser humano, quando ele pela primeira vez se confronta com o outro. No dizer de Mounier «L'expérience primitive de la personne est l'expérience de la seconde personne. Le tu, et en lui le nous, précède le je ou au moins l'accompagne.»⁷⁹ A partir de nós próprios, constatamos que a presença da Pessoa é sempre dirigida para o Outro. Mas longe de ser um obstáculo ao nosso ser, o Outro revela-nos todas as suas possibilidades: «Elle n'existe que vers autrui, elle ne se connaît que par autrui, elle ne se trouve qu'en autrui»⁸⁰. A Comunicação com o outro situa-se

⁷⁹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, de Mounier, Tome III, Éd Du Seuil, Paris, 1944- 1950, – p. 453.

⁸⁰ Ibidem p. 453.

assim a nível de relações inter subjectivas, sem todavia descurar a vida íntima.

3. «A Conversão Íntima»

Mas a pessoa não é só “um movimento para o outro.” Igualmente conserva, no fundo de si, uma vida íntima, um intraduzível “Le sur soi”, forma de recolhimento misterioso e secreto no qual assenta a parte mais genuína da intimidade do seu ser, “ porto de abrigo” que não pode ser ancoradouro permanente. É necessário “sair para o mar” expor-se, para evitar cair num individualismo egocêntrico, socialmente improdutivo. É indispensável haver na Pessoa, em contínuo, um primeiro movimento de recuo para dentro de si, reflexão íntima que a faça encontrar-se consigo própria, para enriquecida espiritualmente, sair em direcção ao Outro, num ininterrupto acto de comunicação, que não anula a sua subjectividade, mas pelo contrário, a enriquece. Para Mounier« La personne ne recule que pour mieux sauter.»⁸¹ É um movimento constante, dialéctico, entre a interioridade e a exterioridade da Pessoa, isto é, um recuo benéfico que permite uma renovação das forças interiores para “saltar melhor”, como fazem os atletas.

A pessoa constitui, intrinsecamente, um gerador dinâmico de acções de interioridade/exterioridade, resultante de uma permanente reciprocidade de permutas entre a vida interior “privada” e a vida exterior “pública”, reciprocamente dependentes.

Na perspectiva do autor, sem a existência destes dois pólos contrários mas complementares, a vida seria incoerente, dado que «la vie personnelle commence avec la capacité de rompre le contact avec le milieu, de se reprendre, de se ressaisir, en vue de se ramasser sur un centre, de s'unifier».⁸²

Tal situação que não tem equivalente no “mundo animal,” por este ser incapaz de estabelecer ligações com o seu próprio mundo interior, limitando-se somente a criar e manter instintivamente as suas condições de existência corporal «dans le monde extérieur un milieu propre autour des grands appareils biologiques».⁸³ A Pessoa, não se refugiando nem se limitando unicamente a viver

⁸¹ Ibidem p. 463.

⁸² Ibidem p. 462.

⁸³ Ibidem p. 462.

na sua dimensão física, todavia recolhe daqui ensinamentos importantes, e enriquecedores para a sua interioridade, particularmente quando estes são sustentados por reflexões filosóficas e científicas que não rejeitem a importância dos valores morais e sociais.

Como se processa essa capacidade de recolher, para dentro de si, esse fluxo de forças e ensinamentos provindos do exterior?

Para Mounier há um conjunto de actos definidores desse recolhimento, colocando em pleno lugar “o aprofundamento pessoal” e (*l'en soi*), que nos permite conhecer, mergulhar na nossa interioridade mais íntima que só ao próprio está acessível, sem interferência do Outro.

Para tal precisamos de sintetizar palavras-chave, «*concepts, schémas, structures*»⁸⁴, que representem a linha íntima de orientação pretendida por cada um de nós e determinante do nosso pensamento no sentido de sermos claros relativamente a nós próprios e às acções que desenvolvemos.

Mas Mounier alerta-nos para que essa clareza não pode ser confundida com a pretensão de descobrir, no fundo do nosso íntimo ou no de qualquer outro ser humano, uma “coisa inventariável”, um objecto. Objecto é precisamente o que a Pessoa não é, embora indevidamente utilizada, quando se pretende generalizar a sua qualidade de indivíduo, unicamente quantificável.

Não obstante a Comunicação ser uma das suas estruturas fundamentais, a Pessoa deve conservar no fundo de si, uma certa reserva à exposição pública, um segredo, íntimo, como se fosse um “mistério” próprio e inviolável aos outros. Caso contrário, «*Ils se lisent à livre ouvert, et s'épuisent vite*».⁸⁵ Ou seja, a Pessoa fica desarmada para defender o seu íntimo da curiosidade legítima ou ilegítima do exterior. Por isso, afirma Mounier «*n'ayant pas l'expérience de cette distance profonde, ils ignorent le « respect du secret », du leur ou de celui d'autrui*».⁸⁶

Ao afirmar que «*La réserve dans l'expression, la discrétion, est l'hommage que la personne rend à son infinité intérieure*»,⁸⁷ Mounier defende que esta

⁸⁴ Ibidem p. 463.

⁸⁵ Mounier Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p 463.

⁸⁶ Ibidem p. 464.

⁸⁷ Ibidem p. 464.

circunstancia comporta que as Pessoa Nao conseguem comunicar entre si plenamente, de uma forma directa, sem intermediação. Por isso tem necessidade de utilizar meios comunicativos indirectos, como «ironie, humour, paradoxe, mythe, symbole, feinte, etc.».⁸⁸

Sendo, na minha opinião, o problema da Comunicação aquele que mais relevo e originalidade tem no pensamento de Mounier, compreende-se que na sua arquitectura ele pretende analisar com igual profundidade o “outro lado” da Pessoa, que a defende dos riscos de uma excessiva exposição ao exterior, ao outro imposta pela comunicação: a Intimidade, a privacidade.

3.1. «A intimidade. O privado».

É na privacidade mais recôndita da Pessoa que se encontra o sentimento da plenitude, que, segundo Mounier, «exprime la joie de retrouver les sources intérieures et de s’y rafraîchir»⁸⁹. Devemos mergulhar, viver a nossa vida íntima e dela sair logo, expor-nos ao mundo para não cairmos numa vida vegetativa, fechada, semelhante à que vive o feto no ventre da mãe, ou a criança nos braços dos pais magicamente isolada e protegida de qualquer contacto.

Por isso temos que estar vigilantes, alerta também para, não nos refugiarmos em demasia dentro de nós próprios relativamente aos outros, sob pena de cairmos num fosso autista. Procurar dentro da nossa vida pessoal um justo equilibrio que Mounier refere como «entre ma vie secrète et ma vie publique, il marque le champ où je cherche à maintenir, dans mon être social, la paix des profondeurs, l’intimité échangée de personne à personne»⁹⁰.

É como se fossem duas faces da mesma moeda, a “Pessoa”, em que o apagamento de uma retira todo o valor à outra, tornando impossível que ela seja compreendida na íntegra. E se há perigos nos excessos de exteriorização, das acções e comunicação, igualmente existe, perigo num excesso de refúgio no intimismo, sem vontade de dele sair.

⁸⁸ Ibidem p. 464.

⁸⁹ Ibidem p. 464.

⁹⁰ Ibidem p. 464.

3.2. «A vertigem das profundezas.»

Mounier considera que a Pessoa deve procurar ter sempre uma atitude reflexiva de interiorização que a afaste da agitação da vida, vivendo a vida íntima paulatinamente. Mas igualmente alerta para que a Pessoa não deve entregar-se totalmente a essa interiorização sob pena de cair num abismo, do qual dificilmente consegue sair da angústia existencial. «On parle aujourd'hui beaucoup d'angoisse, beaucoup trop. Ainsi vulgarisée, elle n'est souvent rien d'autre que le signe sociologique d'une époque déboussolée, un produit de décomposition».⁹¹ Quando a Pessoa se deixa dominar por essa angústia, tão presente nas correntes existencialistas, pode caminhar-se para um “suicídio espiritual” como refere o autor.

No limite, corresponde ao caminho filosófico percorrido pelas posições individualistas e egoístas, apresentadas desde a antiguidade pelos defensores da Moral Epicurista até às advogadas por Sartre e outros existencialistas, as quais pelos pressupostos, radicais de que partem se colocam em posição contrária às correntes altruístas e humanistas do Personalismo Cristão no qual Mounier se revê e toma posição concreta sobre a clássica antinomia entre a sociedade e o indivíduo.

3.3. «Da apropriação à desapropriação»

Seguramente, como Mounier também o reconhece, a existência ou simples sobrevivência dos seres humanos, precisa “do ter e do ser” para se afirmar. O “ter” dá uma consistência de base ao nosso ser, na medida em que para cultivarmos o nosso ser, necessitamos de ter condições físicas e psíquicas fornecidas pelo ter. Mas não devemos ser escravos do ter para não cairmos na degradação do ser: podemos ter muito pouco e cultivar o nosso ser e, mesmo assim, ter o dom da generosidade.

Tanto o ser como o ter são os dois pólos necessários e afirmativos da existência humana, mas a sua realização plena não é directamente proporcional, é frequentemente antagónica. O excesso do ter nem sempre, mas

⁹¹ Ibidem p. 465.

frequentemente, é gerador de um egoísmo triunfante que luta para aumentar a capacidade de apropriação, quando o altruísmo desinteressado dá uma dimensão infinitamente maior ao ser.

As recentes vicissitudes desfavoráveis, da globalização socio-económica que se constata nesta 1ª década do Sec. XXI, dá-nos bem a ideia de exemplos concretos e extremos dessas situações de vida e que o próprio Papa Bento XVI, de forma tão veemente, condenou na sua visita a Angola no final do passado mês de Março.

Vivem-se tempos muito centrados na apropriação, no domínio do ter, dando pouco mérito ao comportamento altruísta como é próprio de uma moral social como a que propõe o Personalismo de Mounier. Sem contudo esquecer que, esse comportamento solidário, não invalida que, na sua génese, esteja implícita a realização auto-pessoal e a vocação de cada um como Pessoa, não como indivíduo.

3. 4. «A vocação».

A vocação da Pessoa é a procura incessante de uma auto-realização pessoal, no seguimento de uma linha orientadora onde possa radicar a sua maior grandeza, conferindo-lhe a máxima dignidade. Cada Pessoa tem como vocação “ser,” por si própria mas orientando-se numa linha da Comunicação e comunhão. «La personne n'est pas le plus merveilleux objet du monde, un objet que nous connaîtrions du dehors, comme les autres. Elle est la seule réalité que nous connaissions et que nous fassions en même temps du dedans. Présente partout, elle n'est donnée nulle part ».⁹²

Mounier é inflexível em considerar que cada ser humano é uma Pessoa, que é nela própria que encontra condições de conseguir verificar a sua singularidade, como um corpo actuante e interventor no mundo, como um espírito que está aberto à transcendência unificadora, e que não pode ser confundível com o significado de indivíduo incapaz de comunicar de forma espiritual e, por isso, é uma unidade divisível, adicionável ou subtraível a um conjunto de indivíduos idênticos.

⁹² Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 431.

O que significa cada Pessoa ser um mistério em desenvolvimento dinâmico e uma fonte de criação singular inesgotável, em constante processo de auto-formação.

Por isso, não obstante a singularidade vocacional de cada Pessoa, a unidade do mundo como aglutinador de Pessoa só será atingida na diversidade de vocações e autenticidade da adesão de cada uma à sua própria realização, caminhar e originalidade em processo de autoformação.

A vocação pessoal é uma dinâmica orientadora em direcção à construção da personalidade, mas tarefa nunca totalmente realizada, funcionando apenas como um projecto de vida.

A Pessoa, na sua integralidade de corpo/espírito, tem dentro de si a possibilidade de poder ultrapassar, em cada momento, as condições que lhe são colocadas pela valorização do ter que é adquirido, sejam bens percíveis, sejam igualmente patrimoniais ou mesmo culturalmente herdados.

A Pessoa tem de reconhecer que, apesar da importância daqueles, não é deles que depende em absoluto, mas só de forma minimalista; unicamente através da sua dimensão transcendente é permitido a Pessoa libertar-se do ter que, quando hiper-valorizado, o impede de caminhar na linha da mais autêntica personalização.

Auto-realizar-se, fazer a sua própria história como Pessoa, é uma luta constante de cada um para se transcender a si mesmo.

Esta atitude consciente e dinâmica deve ser capaz de se orientar por valores do Ser comprometidos pela transcendência, e possibilita à Pessoa superar os condicionalismos materiais, mesmo as profundas “marcas” hereditárias e, igualmente, os hábitos adquiridos não condizentes com aqueles referenciais orientativos.

Nesta perspectiva personalista, a vocação da Pessoa assenta no ponto de partida de que o interesse Pessoal terá de ser simultaneamente, avaliado como passível de partilha comunitária.

Se, pela encarnação, a Pessoa se unifica com o Universo, o Mundo e a Humanidade, pela vocação a Pessoa reencontra-se consigo própria e com o Ser Supremo, transcendente.

Nesta dialéctica de interioridade/externalidade, objectividade, a Pessoa é

o campo onde se exercem essas tensões de sentido contrário, não a deixando indiferente, alheia às vivências angustiantes e dilemáticas resultantes da sua liberdade de escolha.

3. 5. «A dialéctica interioridade-objectividade».

Nesta dialéctica de interioridade/ externalidade, objectividade, a Pessoa é o campo onde se exercem essas tensões de sentido contrário, não a deixando indiferente, alheia às vivências angustiantes e dilemáticas resultantes da sua liberdade de escolha.

O diálogo constante entre interioridade/exterioridade, é condição essencial para a afirmação da existência pessoal. A Pessoa, sendo simultaneamente, uma união indissociável corpo/espírito manifesta em permanência a existência dessa tensão entre a exterioridade e a interioridade:

«Il ne faut pas tant mépriser la vie extérieure : sans elle la vie intérieure devient folle, aussi bien que sans vie intérieure, elle délire de son côté.»⁹³

Mounier deixa claro que aceitar a pessoa como resultado de uma dinâmica de interioridade/exterioridade somente faz sentido se for compreendida na sua integralidade.

Vivemos a vida interior para nos enriquecermos pessoalmente e depois podermos tirar o melhor partido dessa nossa riqueza, na comunicabilidade com os Outros. É através da dinâmica de exterioridade que o eu se afirma, «il faut sortir de l'interiorité pour entretenir l'intériorité»⁹⁴.

Esta dinâmica, fruto da auto-construção da Pessoa, processada de forma directa, está dotada de capacidade para avaliar os caminhos e as escolhas que melhor defendem a sua dignidade. É um atributo exclusivo do ser Humano, e não de qualquer outro ser vivo.

Mas a capacidade de se relacionar com o Outro, voltar-se para o outro através da acção comunicativa, não invalida a subjectividade individual. Como ser livre, compete à Pessoa determinar a atitude de abertura, de comunicação que

⁹³ Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 469.

⁹⁴ Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 469.

pretende estabelecer com o outro, das gradações de maior ou menor intensidade, que permitem elos de grande aproximação, ou criam situações de frieza que anulam relações afectivas e racionais. E mesmo nas situações limite, quando a Pessoa reconhece que podem estar a ser postos em causa a sua dignidade, os seus valores, tem capacidade para se opor e confrontar (afrontamento) com o Outro.

E sendo Mounier, nas linhas gerais do conceito do Personalismo, um defensor declarado do diálogo entre as Pessoas, das soluções encontradas a partir do reconhecimento das qualidades do Outro, não deixa contudo de evidenciar a capacidade de reagir às violentações da sua dignidade que lhe queiram fazer.

A esta capacidade de, em situação extremas, se opor ao Outro (afrontamento) Mounier concede uma especial atenção, dado o interesse de que se reveste para a suspensão do pensamento.

4. «O Afrontamento»

Diz Mounier que «La personne s'expose, elle s'exprime : elle fait face, elle est visage».

Le mot grec le plus proche de notre notion de personne est "prosopon", sinónimo de máscara em português. «Celle qui porte le regard en avant, qui affronte.».⁹⁵

Na verdade e como vimos, a Pessoa está em permanente contacto perante o mundo que, frequentemente lhe é hostil física e espiritualmente. Esta posição de face-à-face, perante o mundo e a humanidade, tem como consequência que, na sua interioridade, não pode deixar de manter e afirmar as suas convicções íntimas, contra aqueles que põem em causa a sua dignidade, a sua liberdade e os seus direitos. Não basta existir passivamente, isolando-se do mundo, é essencial nele intervir, agindo activamente. Mounier apresenta uma imagem exemplificativa, enfatizando que é imperioso a pessoa, sempre que necessário, não se acomodar e, fazer face a quem a afrontar : « L'insecte qui se mime en branche pour se faire oublier dans l'immobilité végétal annonce l'homme

⁹⁵ Ibidem p. 470.

qui s'enterre dans le conformisme pour ne pas répondre de soi, celui qui se livre aux idées générales ou aux effusions sentimentales pour ne pas affronter les faits et les hommes»⁹⁶

A capacidade de a Pessoa agir em favor dos seus ideais, da sua dignidade, de reagir contra tudo e todos que atentem contra ela, é um dos pontos mais interessantes do personalismo de Mounier, no que constitui um empenhamento particularmente forte na defesa de uma dignidade original, única, singular.

4.1. «A singularidade. O excepcional».

Mas esta singularidade não pode ser entendida como uma procura incessante de atingir a excepcionalidade, à semelhança do atributo nietzscheano da dignidade e insuperabilidade própria do super – Homem. Bem pelo contrário, a posição de Mounier é anti-nietzscheana. Para ele, a originalidade é discreta, não um factor de diferenciação “arrogante” própria das elites. É uma “originalidade” democrática e universal, acessível a todas as Pessoas comuns, que se constrói com um espírito de missão no seu dia-a-dia, na defesa dos valores que lhe são presentes. É nessa realidade mundana, trivial, que a individualidade se afirma naquilo que é extraordinário.

Mounier, para demonstrar o que é extraordinário na Pessoa, não confundível e em antítese com a excepcionalidade do super-homem nietzscheano, socorre – se de uma síntese, de Kierkegaard, por ele citada, no capítulo sobre o Afrontamento no “*Personnalisme*”: «L’homme véritablement extraordinaire est le véritable homme ordinaire.»⁹⁷

Para o filósofo, fundamental é a Pessoa identificar e assumir quais os valores que considera como essenciais para si própria e, em nome dos quais, está disponível para lutar até ao limite das suas capacidades, colocar-se em permanente situação de protesto, de contestação, mesmo que isso o ponha em ruptura total com os outros, e represente o seu próprio sacrifício físico:

⁹⁶ Ibidem p. 4317/432.

⁹⁷ Ibidem p. 471.

4.2 « Os valores da ruptura. A pessoa como protesto.»

«Exister, c'est dire oui, c'est accepter, c'est adhérer»⁹⁸. Mais si j'accepte toujours, si je ne refuse et ne me refuse jamais, je m'enlise. Exister personnellement, c'est aussi et souvent savoir dire non, protester, s'arracher.»⁹⁹ Sem dúvida que existir é aceitar, admitir a diferença, mas também é recusar as formas contundentes de alienação, dizer não, protestar. O protesto é uma forma positiva de dizer não, com idêntico valor para a existência afirmativa da Pessoa, ao confrontar-se consigo própria e com os Outros. Só assim, na base de ruptura, podemos mudar o mundo quando e sempre que for necessário. Como diz Mounier : «Je ne sauvegarde, semble-t-il, ma légèreté de manœuvre et comme la jeunesse même de mon être qu'à condition de tout remettre à tout moment en question, croyances, opinions, certitudes, formules, adhésions, habitudes, appartenances.

La rupture, rebondissement, sont bien des catégories essentielles de la Personne».¹⁰⁰ É assim essencial que a Pessoa relativamente a si própria, a outra, à sociedade, e até perante a natureza, o ambiente, elabore uma escala de valores, de padrões de referência, perante os quais, na sua vivência individual em permanência, confrontada com o mundo, possa aferir se deve ter uma atitude de adesão ou rejeição. Mas este viver da Pessoa, no mundo, não pode deixar de ser interpretado como um confronto isolado, reducionista, próprio de um individualismo exacerbado, como pretendem Kierkegaard, Sartre, ou no campo político, os anarquistas. Estes são sinais inequívocos de desfasamento com a sociedade em que vivem. São perspectivas existenciais que preocupam Mounier ao obrigarem a Pessoa a colocar-se num permanente estado de alarme e de réplica, perante as agressões físicas e morais que podem surgir por parte dos outros e da humanidade. É necessário não olvidar que a Pessoa só pode ser compreendida como participante activa e sempre envolvida na formação positiva de modelos de sociedade, rejeitando deste modo atitudes que favoreçam o seu isolamento, forma cómoda mas “egoísta” de o retirar do mundo, fazendo-o desistir de lutar, em nome de uma satisfação individual.

⁹⁸ Ibidem p. 471.

⁹⁹ Ibidem p. 471.

¹⁰⁰ Ibidem p. 471/ 472.

4.3 « A luta de Jacob. A força. »

Na verdade, somente ao confrontar-se consigo própria e com os outros, a Pessoa está em condições de afirmar a sua existência. Por isso não pode fugir à luta. « L'amour est lutte ; la vie est lutte, contre la mort ; la vie spirituelle est lutte, contre l'inertie matérielle et le sommeil vital. La personne prend conscience d'elle même non pas dans une extase, mais dans une lutte de force. La force est un de ses principaux attributs. Non pas la force brute de la puissance ou de l'agressivité où l'homme se renonce pour imiter le choc matériel, mais la force humaine, à la fois intérieure et efficace, spirituelle et manifeste.»¹⁰¹

Mas esta capacidade de luta, sendo condição essencial e constitutiva da Pessoa, não pode ser utilizada de forma irreflectida, o seu accionamento contra o outro só ganha legitimidade moral se for exercida para contrariar a agressão que ele possa ou queira efectuar sobre os valores e direitos legítimos e adequados à auto-realização de cada um. Capacidade de luta que igualmente pode e deve ser accionada contra todas as formas de organização social e estruturas colectivistas que, pelas suas posições dominantes, queiram impor às sociedades, aos indivíduos, as suas razões de estado, de religião, ainda mesmo que o façam em nome de princípios nobres, seja a luta contra a violência, o direito à paz social, aos bons costumes e outras regras de conduta válidas à época em que são proclamadas.

Esta vontade de lutar ou não lutar contra quem pretende, ilegitimamente, impor a sua visão do mundo, obriga a que a Pessoa tenha capacidade para discernir, em plena e livre consciência, quais são os valores que devem ser preservados em qualquer situação, levando-a na sua defesa, a declarar que não abdica deles, assumindo todas as consequências por esse posicionamento frontal que, pela circunstância de ser inegociável, não pode ser irreflectida e imaturamente afirmativa.

Citando Mounier : « Vouloir extirper toute agressivité de l'éducation, noyer trop tôt la force virile dans des rêveries idéalistes, c'est enlever un combattant à

¹⁰¹ Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil 1944-1950, p. 473.

¹⁰¹ Ibidem p. 473.

l'idéal, fabriquer un eunuque sous des ravis »¹⁰².

4.5. « A afirmação. »

La personne comme acte et comme choix

A afirmação da Pessoa é um processo lento, auto-construtivo base de um constante equilíbrio em permanente evolução, que a acompanha da infância à idade adulta, fase de vida em que está com plena consciência de si, dos seus valores, do mundo em que se enquadra, pelo que lhe é exigível que tenha a coragem de ser irresistível na defesa dos valores em que acredita.

A capacidade de afirmação reside em duas características dinâmicas e essenciais da Pessoa, as quais Mounier refere como definidoras do seu conteúdo: agir e optar.

Agir é a capacidade de a Pessoa, através de cada acto e de todos no seu conjunto, manifestar o seu potencial de se exprimir perante os Outros e o mundo, como acto de renúncia ou de adesão, mas sem nunca cair numa passividade aniquilante do seu ser:

«La donnée élémentaire de l'expérience, dans la communication, n'est pas l'état le plus subtil ou le plus général que l'on voudra, mais l'acte par lequel je m'affirme en m'exprimant. Cet acte si simple en apparence est le résultat d'une culture complexe et d'un équilibre fragile».¹⁰³

Optar é um direito inalienável, a ser exercido livremente num mundo com o qual a Pessoa está em permanente confronto. É a consciência dessa capacidade de poder escolher, optar, que dá o sentido interior, íntimo da consistência das linhas de rumo que tomamos como autênticas, dignas de nós, permitidas pela liberdade intrínseca do Eu, como Pessoa e que, na situação limite de falta de referências éticas, nos podem fazer afirmar valores negativos, falsos.

Mas, definida a Linha Mestra em torno do qual se agrupam os valores que tomamos por verdadeiros, temos de ser irredutíveis na sua defesa.

¹⁰² Ibidem p. 474.

¹⁰³ Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 47.

4.6. «O irredutível.»

Neste estreito campo em que a Pessoa já não tem espaço “negocial” para aceitar as imposições que são feitas pelos outros, pelo mundo, e até as suas próprias pulsões mais egoístas, todos elas ameaçadoras dos seus valores fundamentais, no mais fundo do íntimo em que sente que não tem mais cedências a fazer, podemos dizer que chegou ao seu ponto de irredutibilidade, pelo que, por todos os meios legítimos, vai ter de lutar contra quem o afronta ou lhe quer impor servidão.

Sendo uma situação aparentemente fácil de ser compreendida em teoria por muitos, contudo tal não acontece na prática, merecendo de Mounier uma forte censura por não ser a opção mais frequente na vida da maioria das Pessoas. «La masse des hommes préfèrent la servitude dans la sécurité au risque dans l'indépendance, la vie matérielle et végétative à l'aventure humaine ».¹⁰⁴

Posição colectiva que leva Bernanos, abordando o mesmo tema, dramaticamente a fazer a seguinte reflexão: «L'homme pour qui le suprême «confort» est de faire, autant que possible, ce qu'il veut, à l'heure qu'il a choisie, dût-il payer de la solitude et de la pauvreté ce témoignage intérieur auquel il attache tant de prix ; l'homme qui se donne ou se refuse, mais qui ne se prête jamais. »¹⁰⁵ Não reconhecer a existência desta linha de fronteira, da irredutibilidade legítima e moralmente justificada, quer a título pessoal, quer social, pode conduzir a um trágico aniquilamento da sociedade, profeticamente assim caracterizado por Mounier : «Une société dont les gouvernements, la presse, les élites ne répandent que le scepticisme, la ruse et la soumission est une société qui se meurt et ne moralise que pour cacher sa pourriture. »¹⁰⁶ Quase um século depois, há que reconhecer que esta afirmação, referida aos tempos presentes, mantém ainda toda a sua actualidade. O afrontamento resulta assim, das opções que tomamos na defesa dos nossos valores, da nossa dignidade, sempre a partir da nossa inalienável liberdade Pessoal.

¹⁰⁴ Mounier, Emmanuelle, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil 1944-1950, p. 475.

¹⁰⁵ Ibidem p. 475.

¹⁰⁶ Ibidem p. 476.

5. « A liberdade com condições »

Mounier afirma: «Si la liberté n'est pas, que sommes-nous? Des jouets dans l'univers. [...] La liberté est affirmation de la personne, se vit, ne se voit pas»¹⁰⁷.

A liberdade existe como “resultado” da iniciativa da Pessoa, do desenrolar da sua vida. Tal como a Pessoa, a liberdade é um contínuo desenvolvimento. Com coerência filosófica, Mounier apresenta para a liberdade uma estrutura análoga da que concebe para a Pessoa: enraizada na vida, na sua formação, evolução. Não é um ideal abstracto, invisível, platónico, perante o qual, passivamente, nos resta a esperança de o vislumbrar.

Pelo contrário, a liberdade é uma conquista, pela qual se luta diariamente, na defesa dos direitos e da dignidade, da Pessoa, sem desânimo, ainda que por vezes haja perplexidades e indecisões que nos obrigam a parar para melhor dela ter uma visão mais nítida ou mesmo a retroceder e de novo voltar ao caminho, quando reconhecemos, corajosamente, que estávamos a seguir o percurso errado.

É na defesa desta posição que Mounier afirma «c'est la personne qui se fait libre, après avoir choisie d'être libre. Nulle part elle ne trouve la liberté donnée et constituée».¹⁰⁸ Reforçando, mais à frente, esta sua posição de princípio «je ne suis pas libre seulement par le fait d'exercer ma spontanéité, je deviens libre si j'incline cette spontanéité dans le sens d'une libération, c'est-à-dire d'une personnalisation du monde et de moi-même.»¹⁰⁹

A concretização da nossa liberdade, ou até mesmo a consciência que temos dela, está confrontada pela situação concreta em que vivemos, pelo mundo que nos envolve, e a capacidade de tomar opções em cada situação, de aderir a diferentes valores, ainda que negativos, e agir em conformidade.

Sem dúvida que há risco em ser livre, e para que este atributo não seja uma imprevidência, um desnate existencial, é necessário encontrar a causa moral, social, política, religiosa ou outra que nos oriente e justifique um avançar de forma resoluta pelo caminho da liberdade.

¹⁰⁷ Ibidem p. 477.

¹⁰⁸ Ibidem p. 478.

¹⁰⁹ Ibidem p. 482.

Para Mounier, a liberdade só faz sentido tendo em conta o outro, como Pessoa. Por isso cita positiva mente, a frase do anarquista Bakounine « Je ne suis vraiment libre que lorsque tous les être humains qui m'entourent, hommes et femmes, sont également libres... je ne deviens libre que par la liberté des autres.»¹¹⁰ A minha liberdade autêntica somente se concretiza quando igualmente respeita a liberdade dos outros, criando-lhes condições de poderem ser igualmente livres, estarem em situação igual à minha, terem o direito de pensar, dialogar, emitirem opinião, decidirem por si mesmos, mas sempre conscientes dos riscos com que se defrontam a cada momento.

A liberdade, sendo em primeiro nível uma forma de expressar a minha interioridade, somente se justifica se respeitar o Outro, contribuir para o entender, considerando ser a sua liberdade tão necessária e autêntica quanto a minha. Mas igualmente tenho o direito de esperar que o Outro me aceite e me entenda de forma análoga. A autêntica liberdade aceita os limites inerentes ao mundo que me envolve, aí considerando as liberdades que reconheço aos Outros. Mas, existindo na vida dos homens a possibilidade de se comportarem de forma positiva ou negativa, a liberdade deve ser orientada pela escolha de valores, que devem ser dignos e adequados a um viver humanizado e fonte de partilha de deveres e obrigações entre as Pessoas.

Cada Pessoa deve determinar-se por critérios de valor que lhe permitam conseguir dar uma orientação positiva ao seu próprio ser. Para Mounier, a intencionalidade deve ser consciencializada, para que o agir pessoal seja expressão de uma Pessoa que pensa e decide adultamente, factor indispensável e contributivo para a nossa própria liberdade mas também de todos aqueles que ainda não desfrutam dela.

A liberdade implica selecção, escolha, recusa, adesão, compromisso, e deve ser fundamentada no reconhecimento de autenticidade própria e de existência do direito de o outro ter valores diferentes, igualmente autênticos. Compete a cada um descobrir a própria vocação pessoal e poder escolher livremente os meios adequados para a realizar através da acção: não é a liberdade de se abster, mas a que resulta do seu empenhamento na acção, que o conduz a essa descoberta.

¹¹⁰ Emmanuel, Mounier, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 480.

O exercício correcto da liberdade não tem como objectivo o isolamento, centrado no indivíduo, mas pelo contrário obriga a estabelecer elos com o outro. De facto, a liberdade não é ontologicamente constitutiva da Pessoa, mas a forma que lhe permite ser, na sua plenitude, tudo aquilo que é.

A liberdade responsável constrói-se na base da solidariedade interpessoal, como sistema aberto, sujeito a reciprocidades plurais e interdependências, levando cada Pessoa a ultrapassar a confrontação violenta, o conflito e o afrontamento, ao permitir receber e Comunicar tudo o que cada um sabe e viveu.

Poderíamos reflectir sobre o que se pode entender por dimensões éticas da responsabilidade recíproca, do respeito por si e pelos outros, em termos do dever, das condicionantes limitadoras da iniciativa, de criatividade e da autonomia de cada um. Mas isso seria um longo caminho que nos desviaria do tema deste trabalho.

A liberdade é não só ter capacidade de, por vezes, em nome dos valores fazer cedências aos outros, mas também em plena consciência ter coragem para fazer rupturas com eles. A Pessoa é, em si própria, história, está situada na história e contribui para fazer história. E é em nome dessa historicidade que igualmente comporta a assunção de valores, que por vezes há rupturas que têm que ser feitas. Nem sempre fáceis para a Pessoa, nomeadamente as que surgem no campo da afirmação da sua vocação, do direito à diferença no relacionamento afectivo, algumas vezes decididas por escolha consciente, outras por imposição circunstancial da sociedade envolvente. Mas sem deixar de ter presente que a Pessoa é, em si mesma, um Universo de continuidade histórica, apesar das mutações do tempo e das circunstâncias em que se encontra, (biológicas, funções, papéis e estatutos sociais desempenhados ou a desempenhar).

É importante nunca perder de vista a vida pessoal como projecto continuamente a redescobrir e a aprofundar, qualquer que seja a idade e a situação socio-económica que a enquadra. Só assim se constrói livremente uma vida norteada por um verdadeiro mundo de valores estruturantes da dignidade pessoal, uma das pedras angulares do pensamento de Mounier, na qual assenta a demonstração da “extensão real” da Pessoa:

6. «A Eminente Dignidade»

Será a Pessoa uma realidade corporal confinada em si própria, conforme argumentam alguns dos defensores do personalismo (como Renouvier)? Ou, pelo contrário, constitui uma realidade corporal onde está suportada a transcendência íntima, (mas inominável, como referiu Jaspers), ou existe ainda outra perspectiva? Diria que Mounier se coloca numa posição intermédia;

A vivência da Pessoa não se encerra sobre si mesma, como pretendia Renouvier, mas a sua transcendência também não é inatingível, como diz Jaspers; « Dans la perspective que nous soutenons, le mouvement qui fait la personne ne se referme pas non plus sur elle; mais il indique une transcendance qui habite parmi nous, et qui n'échappe pas à toute dénomination. ».¹¹¹

Vejamos, com mais detalhe, o que entende Mounier sobre este importante aspecto da relação da Pessoa com a transcendência, da qual decorrem os fundamentos da dignidade.

Num primeiro plano, Mounier debruça-se sobre o que entende ser a realidade da transcendência. Começa por fazer uma demonstração negativa, ou seja, elimina uma perspectiva que, embora admitida por outras correntes, não é aquela que defende: Para ele, a transcendência não pode ser pensada em termos de representação espacial, à semelhança do que fazemos com objectos concretos.

A diferença entre estas duas realidades, a especialidade objectiva e a realidade transcendente não se coloca ao nível hierárquico da altura de planos, mas é qualitativa. Isto quer dizer que, embora habitando a mesma Pessoa, fazendo parte da sua intimidade, a transcendência é o próprio Deus.

Refere Mounier, citando Santo Agostinho: «Dieu, dit saint Augustin, m'est plus intime que ma propre intimité.»¹¹²

Mas sendo o mais íntimo da nossa intimidade, e esta não se confinando a si própria, à sua imanência, como se manifesta ao exterior, como significativa e irreprimível aspiração a Deus? Pela transcendência:

«Je l'éprouve sans cesse comme débordement. La pudeur dit : mon corps

¹¹¹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 485.

¹¹² Emmanuel, Mounier, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 485.

est plus que mon corps ; l'ironie : l'idée est plus que l'idée. Dans ma perception, la pensée bouscule les sens, dans la pensée, la foi bouscule la détermination, comme l'action bouscule les volontés qui la posent, et l'amour, les désirs qui l'éveillent.»¹¹³

A transcendência não se manifesta em actos surgidos de pensamentos desconexos, anárquicos. Ela é norteada em direcção a uma Pessoa Suprema que Mounier, como personalista cristão, identifica com Deus. «Le personnalisme chrétien va jusqu'au bout : toutes les valeurs se groupent pour lui sous l'appel singulier d'une personne suprême.»¹¹⁴ É este o fundamento para Mounier falar “na personalização de valores” que não podem ser confundidos, nem na origem nem no conteúdo, com ideias abstractas, sendo estas «une somme déterminée de détermination, sa puissance n'est que puissance de répétition: [...]»¹¹⁵

A personalização dos valores tem a sua raiz no coração vivo das pessoas e é a condição necessária para a sua existência plena. E a condição de transcendência, norteada para Deus e para o Outro, confere-lhe um movimento transpessoal, partilhada pela comunhão de valores e de experiências de vida, respeito pela Pessoa humana – o que sinteticamente Mounier traduz como a “eminente dignidade” do Eu e do Outro, e um indestrutível acto de fé : « Sa certitude apparaît dans la plénitude de la vie personnelle, et s'affaisse avec ses retombées.»¹¹⁶ É o reconhecimento da existência, no íntimo da Pessoa, de um quadro de valores transcendentos, em paralelo com aqueles que igualmente são fundamentais para lhe garantir uma qualidade de vida equilibrada, que no conjunto constituem a base de sustentação da dignidade da Pessoa. Quais são esses valores?

6.1. «A felicidade»

Identificando o meu Eu como Pessoa, para além de me referenciar a um ideal transcendental, e de poder reivindicar, usufruir da liberdade de expressão e de convicções, igualmente tenho direito a defender valores que garantam a existência da vida, da saúde, a ser tratado quando estiver doente, viver em boas

¹¹³ Ibidem p. 486.

¹¹⁴ Ibidem p. 487.

¹¹⁵ Ibidem p. 487.

¹¹⁶ Ibidem p. 487.

condições ambientais, usufruir de rendimentos económicos suficientes para me poder sustentar a mim e à minha família, através de contrapartidas dadas por mim em prestações de trabalho, garantia de apoios adequados na velhice ou seja, o usufruto dos direitos essenciais e das condições mínimas que me garantam viver com dignidade e em liberdade.

O Estado, a sociedade civil, a moldura da organização social nacional e internacional devem garantir a todas as pessoas esses padrões de dignidade, no que se refere a alimentação, habitação, educação, saúde, trabalho, ambiente.

Aqueles são os valores básicos e indispensáveis para garantir a felicidade. Mounier frisa que «il faut sortir l'homme, en règle moyenne, de la misère physiologique et sociale pour qu'il accède aux valeurs supérieures ; [...]»¹¹⁷, conceito de algum modo similar à maxima dos Romanos « primo vivere deinde philosophare ».

Mas, embora estes valores de base devam estar garantidos, e sendo sem dúvida necessários, todavia não são suficientes. São bem conhecidos exemplos de sociedades bem organizadas, social e economicamente que, no entanto, têm carências a nível espiritual. A relação humana é “fria” e acentuado o individualismo, permitindo que os interesses egoístas sejam hiper – Valorizados, esquecendo as responsabilidades sociais e a riqueza que só a comunicação entre pessoas pode dar. Dito de outra forma, não é necessariamente nestas sociedades do “primeiro mundo”, assentes numa meticulosa e por vezes, excessiva organização funcional padronizada unicamente em função de uma escala de valores baseada em índices de satisfação física e de direitos jurídico-sociais, que de forma automática temos acesso à “chave” para a felicidade, ao bem-estar da pessoa entendida na sua globalidade. Não é só pela existência de factores de segurança e conforto físico-económicos que a Pessoa fica imune à miséria-espiritual, talvez a forma mais profunda da infelicidade humana e do maior sofrimento e angustiante mal-estar.

Como diz Mounier, «Les sociétés de ce point de vue les plus heureuses nous laissent entrevoir à quel sommeil spirituel il peut glisser, et à quels orages de l'angoisse, à quelles folies paniques, quand il se sent menacé. Isolé, le bonheur semble pris irrémédiablement entre l'égoïsme individuel et le mécanisme collectif :

¹¹⁷ Emmanuel, Mounier, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p 490.

La paix à tout prix, ou le bonheur étatisé, ou l'un et l'autre collaborant à remplacer la liberté par la sécurité, à mettre l'humanité à la retraite, pire, à lui tracer le chemin le plus commun de la trahison.»¹¹⁸

Para que se possa alcançar um verdadeiro “bonheur” (conceito dificilmente traduzível em português, no seu sentido pleno, numa só palavra), é indispensável que para além daqueles requisitos materiais, a Pessoa ao ser igualmente portadora de valores espirituais que a transcendem, se sinta disponível para o compromisso que a faz Comunicar com Deus e com o Outro. É este compromisso o elo mais sólido para lhe assegurar a felicidade, como indivíduo e como membro da comunidade, mesmo quando falham alguns dos pressupostos da sua sustentação.

É fundamental para a realização da Pessoa, saber orientar para Deus a sua vida, (quer como ser humano único, quer como participante na Sociedade), ter sempre presente que a transcendência é qualitativamente superior a imanência. Estamos novamente centrados no problema da dimensão Pessoal como uma totalidade englobante indissociável do que constitui o Eu: Corpo/espírito; ter/ser; interioridade/exterioridade acção/contemplação; Pessoa/sociedade; transcendência/imanência. Numa leitura mais apressada de Mounier, pode-se considerar que os argumentos que apresentam na defesa da imprescindibilidade do espírito, como elo de comunicação com Deus, com o outro, tornaria o filósofo um opositor desconfiado de tudo o que provenha da ciência e das bases racionalistas em que ela assenta. Tal não acontece e, pelo contrário, Mounier tem uma atitude valorativa da ciência, do seu arsenal de verdades objectivas dedutivamente demonstráveis, levando-o a conferir-lhe um papel determinante e indispensável para a compreensão da existência e reflexão sobre a vida.

6.2.«A ciência»

Para ele, a ciência só falha, quando pretende negar, radicalmente, a possibilidade de a transcendência coexistir com a imanência, na mesma Pessoa. É um radicalismo tão aberrante quanto aquele que defende que só o espírito deve ser valorizado.

¹¹⁸ Emmanuel, Mounier, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950 p. 490.

Negar a ciência constitui um dos pontos fracos do existencialismo: «C'est une des faiblesses de l'existentialisme que de conduire trop souvent ses analyses comme si la science n'existait pas»¹¹⁹ Podemos então cair no erro de, de forma inversa, pressupor que se deve conferir à Ciência a responsabilidade de ser o fundamento de toda a verdade? Claro que não.

6.3. «A verdade»

Para Mounier, uma ciência assente unicamente num racionalismo extremo, que se auto-proclame como detentora em exclusivo de toda a verdade, pretendendo ser reconhecida como um universal absoluto, é igualmente negativa: Não capta a essência da realidade do Mundo, das Pessoas, do seu viver colectivo, pelo que não pode ser o principal fundamento da verdade. Como argumenta Mounier, a verificar-se aquela exclusividade da ciência, conduziria fatalmente a duas situações extremas e antagónicas:

Na primeira, de cariz positivista, a Pessoa ao ser contraposta perante a força da ideia, unicamente de raiz racional, científica, generalizante, transforma-se em espectadora passiva do mundo e, ainda que tudo compreenda racionalmente, não é capaz de lutar por construir a sua vida, no seu sentido mais nobre.

Limita-se a ser um ser vivo como qualquer outro, perdendo a sua mais nobre condição “humana”, porque de forma radical elimina as suas manifestações de espírito e a sua consciência de ser livre, de ser capaz de construir a sua própria História.

O espírito, em Mounier, não é uma simples “fábrica” de conceitos que, após surgirem, ficam desligados quer da vida transcendental quer da vida mundana.

Tem liberdade própria, uma existência ligada a um corpo de forma indissociável, com o qual partilha uma história única de realização de actos com os quais se compromete e de que tem conhecimento, sem intermediação, que resulta de uma dinâmica e permanente interactividade.

Como tal, a verdade não é uma realidade universal exterior à Pessoa, como sua envolvente, não exerce sobre ela qualquer autoritarismo nem lhe impõe

¹¹⁹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950 p. 490/ 491.

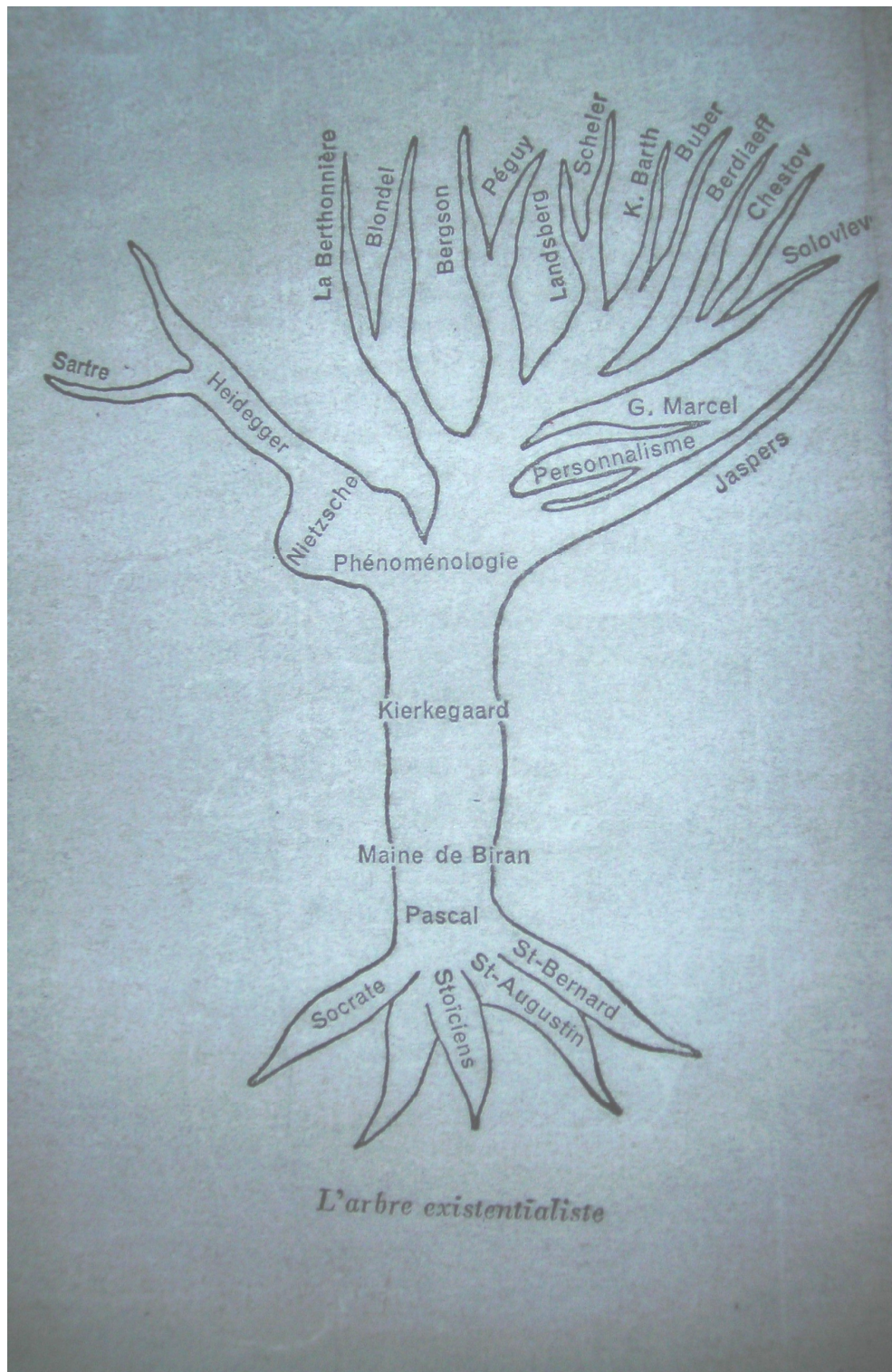
comportamentos automáticos: a verdade revela-se em permanência no íntimo da Pessoa, no seu espírito.

«Elle ne se fait accepter que si elle se propose avec discrétion, et ne se donne qu'à qui s'offre à elle, corps et âme.».¹²⁰ Ela ganha legitimidade pela conversão da Pessoa a valores autênticos, condição prévia para aceder à sua iluminação, para uma aceitação livre da Verdade.

A segunda situação extrema, antagónica da primeira mas igualmente perigosa, resulta de se cair numa excessiva valorização do espírito, levando-nos a defender um subjectivismo radical, como acontece com alguns filósofos das correntes existencialistas, ainda que originários do “tronco” personalista, mas não cristão. De uma forma muito curiosa e interessante, Mounier, preocupou-se em desenhar à arvore do existencialismo, e o respectivo tronco, e a separar os diversos ramos que dele nascem, fazendo ele próprio uma ilustração manual (anexo 1), que publicou na «*Introduction Aux Existentialismes* compiladas nas *Ouevres*».¹²¹

¹²⁰ Ibidem p. 492.

¹²¹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950, p. 71.



Emmanuel, Mounier

É por isso que Mounier, tal como já havia feito nos seus considerandos sobre o excesso em que pode cair o idealismo científico, alerta também para as consequências que inevitavelmente podem surgir daquela situação totalmente antagónica.

«Un personnalisme complet, contre une subtilisation excessive de la subjectivité, doit se trouver prêt, sous cet angle, à écrire un éloge de l'impersonnel. La méditation est notre servitude, mais aussi notre discipline salutaire.»¹²²

O filósofo reconduz-nos assim à raiz da sua ética personalista, assente em valores autênticos, que envolvem os do espírito mas também os da natureza, uns e outros centrados na dignidade da Pessoa, ou seja, valores éticos.

Mounier dissecava sob diferentes ângulos não só as razões pelas quais entende que a ciência, quando se deixa encerrar numa visão unicamente positiva sem conceder abertura à transcendência, mutila a Pessoa da sua capacidade de usufruir plenamente do espírito que a integra, mas também a impossibilidade de haver uma verdadeira vida do espírito se esta estiver esquecida e desintegrada das consequências da sua ligação ao corpo.

Digamos que Mounier orienta toda a sua argumentação, no sentido de colocar em evidência os dois pilares fundamentais que sustentam a eminente dignidade da Pessoa: liberdade e valores.

São estas as linhas de enquadramento do Universo Pessoal que delimitam o seu universo Moral e se tornam com ele coincidentes, como refere Mounier, não atribuindo ao erro, ao pecado, à imoralidade qualquer autonomia ou dimensão própria, externa, ainda que negativa, mas somente a circunstância de serem inerentes e consequentes da condição de liberdade.

Se não agirmos e pensarmos em plena liberdade, caímos num determinismo que desvaloriza a nossa condição de Pessoa, retirando-nos a capacidade de optar, de tomar decisões, ainda que moralmente erradas.

Somente nos realizamos como Pessoas quando agimos e pensamos em plena liberdade. É esta a nossa tragédia como seres humanos, mas também a fonte da nossa satisfação: reconhecermo-nos como “construtores” da nossa vida, do nosso futuro e da nossa história Pessoal. Colocado este postulado apresenta-

¹²² Ibidem p. 492.

nos o outro pilar fundamental do Universo Pessoal, com importância igual à que confere ao da liberdade. Se é com a liberdade que a Pessoa se auto-constrói em permanência, embora correndo o risco de tomar opções erradas, mas sobre as quais só ela pode decidir, como orientar-se então na procura daquelas que são verdadeiras, que o ajudem a consolidar a sua dignidade, ainda que disposto a seguir percursos que lhe provocam sofrimento físico ou espiritual?

É pela conversão inequívoca a valores autênticos que lhe permitem distinguir claramente o bem do mal, critérios que de nenhum modo podem ser confundíveis com moralismos formais ou mesmo hipotéticos, frequentemente emitidos sobre valores de autenticidade.

Não há filtros “moralistas” que atenuem a luz crua dos valores autênticos, mesmo que estes, por vezes, possam ser dolorosos. Temos que ter a coragem de os olhar frontalmente, sabendo que a sua riqueza, a sua luminosidade e esplendor nos provoca permanente e incómoda inquietação. É esta condição de ser livre, em busca dos valores autênticos, que se exige a cada Pessoa, que dá sentido à finalidade da vida pessoal e à nossa vivência colectiva que igualmente se determinam por critérios morais.

A aceitação de um processo de partilha de valores, que seja regido por uma comunicabilidade de conteúdos não só imanentes, nomeadamente os que assentam em critérios científicos, sociais, jurídicos, mas também os de ordem transcendente, imateriais, os da ordem dos valores culturais e éticos, cuja máxima plenitude de expressão reside na ligação a Deus.

É particularmente interessante que Mounier, tal como outros filósofos, reconheça ao mundo da cultura e da arte, uma categoria mais próxima de Deus do que aquela que atribui ao mundo da ciência e da organização social.

É, digamos, como um primeiro patamar, no caminho para a transcendência onde já se verifica uma comunhão de valores universais aceites e partilhados por todas as Pessoas, embora com diferentes graus de sensibilidade e capacidade de compreensão e destriça entre a sua realidade objectiva e a realidade subjectiva.

Diz Mounier que «L’art cherche des êtres, et des formes, qui sont des êtres réels. Mais «réaliste» par nature, il est par nature «abstrait», s’il est vrai que la transcendance ne se communique que par signes indirects. Et dans cette

traduction surhumaine, il ne peut éluder l'obscurité et la solitude »¹²³.

A Arte, mesmo numa perspectiva positivista, ateia, permite-nos comunicar com o Outro (de uma forma que diríamos sobre – pessoal), valores de emoção, satisfação, beleza, um estado de “bonheur”, beleza, universalmente aceites e sentidos por todos a partir das conceptualizações abstractas, imateriais, transcendentais. Participação em actos de cultura que embora possam ser efectuados em situações de presença colectiva, são absorvidos por cada um a seu modo, constituindo contributo indispensável para a auto-realização estética da Pessoa, em profunda articulação com a sua própria ética, mas igualmente extensível, partilhável e compreensível pela comunidade de Pessoas onde se integra.

6.4. «A comunidade dos destinos. A história»

É que, se a Pessoa tem a sua própria história e uma condição de existência em função da comunidade, a Arte assume nesse binómio uma das ligações mais profundas e historicamente prolongadas no tempo, válida para toda a Humanidade.

A História, sendo um percurso, uma memória, um destino individual, é também o reconhecimento de que se participa num destino colectivo, pela partilha de valores, de liberdades, ainda que por vezes conflituantes e geradoras de incompreensões entre os seus membros. «Il y a *une* histoire parce qu'il y a *une* humanité »¹²⁴, diz Mounier.

É pela convergência de vontades em plena liberdade, assumida por cada um e no colectivo das pessoas, que as sociedades melhor se determinam na procura e realização de valores comuns, possibilitadores de, nesta multiplicidade de vidas autónomas e livres, permitir a todos a sua dignidade.

¹²³ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. Du Seuil, Paris, 1944-1950 p. 495.

¹²⁴ Ibidem p. 495.

6.5. «Os valores religiosos»

É neste contexto de liberdade e valores como condição básica para a Pessoa concretizar a sua realização na comunidade onde se integra, que Mounier legitima a apresentação dos Valores Religiosos próprios do cristianismo e os do Personalismo Cristão, dos quais ele próprio é defensor, chamando a atenção para o que os diferencia, não podendo ser tomados por conceitos sinónimos.

Para ele, sendo certo que, genericamente, o cristianismo é desde sempre portador de valores baseados em relações de Fé, ponto de partida idêntico ao personalismo Cristão, este tem um significativo aprofundamento relativamente ao comum ponto de partida inicial, ao particularizar a situação de confiança e de intimidade da Pessoa com uma «Personne transcendente, et l'incompétence, à son sujet, de toute démonstration ou régulation qui resterait purement objective»¹²⁵.

É, no quadro das correntes de pensamento originárias do cristianismo, um revigoramento da centralidade da Pessoa, na permanente tensão em que se encontra na oscilação pendular de posições extremas e antagónicas como defensoras do indivíduo ou do colectivo.

«Enfin, le personnalisme chrétien soulignera, contre l'individualisme religieux, le caractère communautaire, trop négligé depuis deux siècles, de la foi et de la vie chrétienne ; y retrouvant dans des perspectives nouvelles l'équilibre de la subjectivité et de l'objectivité, il se défiera du subjectivisme religieux comme de toute objectivation réductrice de l'acte libre qui est au noyau de chaque démarche authentiquement religieuse.»¹²⁶

É neste posicionamento da Pessoa, responsável e livre para optar entre os valores que toma por autênticos, permitindo construir em bases sólidas a sua dignidade, que Mounier coloca, em primeira linha, os defendidos pelo personalismo cristão, como aqueles que devem nortear a tomada de opções.

¹²⁵ Ibidem p. 496.

¹²⁶ Ibidem p. 496.

6.6. «Obstáculos aos valores»

Mas nem sempre, ou até pouco frequentemente, é fácil optar por valores autênticos, podendo mesmo ser doloroso, física e espiritualmente.

Para Mounier, este reconhecimento da necessidade de firmeza no afirmar das convicções por que se opta pode obrigar a Pessoa a violentos combates em favor da sua defesa ou a atitudes de rejeição de falsos valores que lhe queiram impor.

Em situações extremas, estas conscientes vivências de se estar perante opções provocadoras de sofrimento, podem conduzir a Pessoa à procura de situações nihilistas, geradoras de exaustão física, pelo recurso a experimentações extremas como o isolamento dos místicos, greves da fome, ou inversamente, a admitir situações de fuga deixando-se viver passivamente num universo concentracionário, exemplos muito bem identificados pelo filósofo, ambos castradores da dignidade pessoal, ainda que de sinal contrário.

Clarifica Mounier, numa posição que ele próprio refere como optimista, não serem aqueles exemplos que ele defende, nem se revê neles como os caminhos correctos da Humanidade, por não encontrar ali valores que confirmam dignidade à Pessoa.

A decisão que deve presidir a essa escolha de valores transcendentais não é determinada nem por critérios de experiência nem da razão: «Ceux qui le font, chrétiens ou non, ne le font que guidés par la foi qui déborde toute expérience.»¹²⁷

No pensamento de Mounier, a transcendência assume um lugar qualitativamente superior à imanência, no que se refere aos valores que a ambos competem, e idêntica diferenciação qualitativa se verifica no que envolve as atitudes de Compromisso.

7. «O Compromisso»

Como já referimos, Mounier vê a Pessoa como actividade vivida de autoconstrução suportada num processo de comunicação e de adesão a valores que se reconhecem em cada acção, resultado de um movimento de formação de

¹²⁷ Ibidem p. 497.

cada história pessoal dentro de um colectivo que também é o seu, a Humanidade.

Mas esta autoconstrução, para ser edificada na direcção de valores autênticos, só pode ser obtida perante uma permanente atitude de Compromisso.

Para Mounier «a atitude da Pessoa pode avaliar-se mediante dois critérios. O de crise e o de compromisso. A noção de crise é na verdade um ponto de referência essencial da situação da entidade chamada Pessoa [...].

A noção de crise, invocada para caracterizar a atitude Pessoal, perante a qual há que agir e reagir, vai muito para além dos simples campos económico, social e cultural; cada um de nós, se algo nos aparece como intolerável, tem capacidade para resistir a toda a crise que se verifique num determinado momento histórico. Basta que sejamos capazes de discernir da sua importância relativa, considerá-lo como um obstáculo natural a ultrapassar no caminho de vida que pretendemos livremente trilhar, e perspectivado como tendo de ser percorrido na base de um livre compromisso com os valores em que se acredita.

Ou seja, é pelo compromisso consigo próprio, no reconhecimento dos valores autênticos que se descobre dentro de si e se considera essenciais para estabelecer uma relação de autenticidade com o Outro, com a sociedade, com Deus, que se apreendem as formas mais sólidas e adequadas de cada Pessoa ultrapassar as crises interiores que o afectam. Esse Compromisso tem de ser, corajosamente e sem tibiezas, manifestado de forma pública sempre que necessário através de actos assumidos e realizados pela Pessoa como interveniente activo na comunidade onde vive.

Na verdade, o próprio Mounier foi actor e espectador testemunhal de viver as agruras que podem surgir, quando uma Pessoa quer assumir publicamente um compromisso, ao defrontar-se com situações políticas e sociais das quais discordou e face às quais tentou intervir. Teve atitudes frontais perante a sociedade do seu tempo, empenhando-se em contribuir para ultrapassar a crise espiritual, económica, social, política, e cultural que dominava a época.

Tinha, como objectivo essencial (por tomadas de posição públicas demonstrativas dos seus compromissos éticos, religiosos, sociopolíticos) contribuir para, em conjunto com outros encontrar saídas para a precária situação em que ele e toda a humanidade ocidental viviam.

Em termos de moral prática, actuante, foi com o intuito de fazer face a essa problemática da crise, que Mounier se envolveu na fundação da revista

Esprit, chamando sobre ela a responsabilidade de analisar e criticar os valores existentes na sociedade francesa e europeia sua contemporânea, sem fugir à responsabilidade de propor novas soluções. Posição claramente comprometida com os valores que defendia, e que tornou um dos temas centrais da sua obra “De la propriété Capitaliste à la Propriété Humaine” (1936), entre outras, que igualmente se encontram compiladas nas *Oeuvres*, através das quais podemos ver o fulcro do pensamento do filósofo sobre o que entende por compromisso, sintetizado na sua afirmação: «face ao critério da crise surge o compromisso como critério da Pessoa».¹²⁸

É certo que, para Mounier, o homem se realiza pela acção mas, não se pode esquecer que um processo consciente de realização da Pessoa somente é possível por uma participação integrada e simultânea do corpo e do espírito.

No imediatismo da acção do corpo, tem de existir sempre um compromisso total com a actividade do espírito e a Pessoa constitui essa simbiose perfeita, dotada de valores por si livremente escolhidos, o cerne da sua dignidade.

De algum modo, é uma antevisão o das linhas teóricas que Hannah Arendt irá apresentar mais tarde, na sua obra *Condição Humana*, em que nos dá o seu entendimento sobre a diferença entre o “homo laborans” e o alienado “homo faber,” aquele que deixou de se orientar por ideias, mas somente por critérios de posse económica, de formação de riqueza e acumulação de bens.

Como diz Hannah Arendt, «se desejássemos traçar uma nítida divisória entre a era moderna e o mundo em que agora vivemos, encontrá-la – íamos provavelmente na diferença entre uma ciência que vê a natureza de um ponto de vista pretensamente Universal e assim consegue dominá-la completamente e uma ciência verdadeiramente «universal» com outros objectivos».¹²⁹

Para ela, contrariamente à ingenuidade e à espiritualidade do “homo laborans”, o “homo faber” dos tempos modernos, na sua desmesurada tentativa de continuamente se apropriar dos bens fornecidos pelo mercado, criou uma nova escala de valores meramente padronizada por critérios económicos, deixando de acreditar nos valores intrínsecos das próprias coisas (afectivos, artísticos, religiosos, etc.), tudo medindo unicamente por uma bitola mercantil, pondo assim em causa a existência de valores absolutos, universais.

¹²⁸ Mounier, Emmanuel in **Dicionário de filosofia**, p. 86.

¹²⁹ Arendt, Hannah, **A Condição Humana**, Lisboa Edição Relógio D'Água, 2007, p. 333.

No fundo para Harendt (tal como antes para Mounier) o “homo faber” da História Moderna é uma Pessoa com “capacidade diminuída”, ao perder, por vontade própria ou alheia, o uso da dimensão transcendental própria do espírito, indispensável à percepção e manutenção da sua dignidade.

“Homo faber” é, de algum modo, a matriz do homem que Mounier afirmava ser o “modelo” pretendido pelos sistemas colectivistas de esquerda, castradores, anuladores dos princípios e referências em que assenta a sua dignidade e o seu mundo de valores.

Segundo Mounier, «l’homme désignera l’expérience spirituelle intégrale, du côté de l’être, sa fécondité intime.»¹³⁰ Experiência espiritual que não rejeita a importância da acção, do trabalho, visando transformar não só a natureza, mas também os membros da sociedade em indivíduos íntegros e cooperantes entre si, para que isso aconteça, é necessário que interiorizemos comportamentos sociais, legais, de cidadania de algum modo padronizada, traduzidos, em linhas gerais, por aqueles que regem as comunidades onde as Pessoas se integram.

O fundamental para que a acção seja válida, é que possa responder a exigências autênticas que contribuam para modificar positivamente a realidade exterior, mas igualmente ajudar a formar e enriquecer o nosso universo de valores.¹³¹

É por isso que Mounier estabelece a necessidade de conceder a centralidade a uma teoria de acção: «une théorie de l’action n’est donc pas un appendice au personalisme, elle y occupe une place central»¹³².

Mas se a teoria da acção é a centralidade do Personalismo, o Compromisso é a sua razão de ser.

Sem Compromisso, a acção estaria vazia de sentido, tal como a Pessoa sem altruísmo é um vazio existencial.

Sendo assim, o que se pretende com esta tão importante teoria da acção, o que lhe pode ser exigido no âmbito do Personalismo?

O próprio Mounier responde a esta questão, perspectivando a acção sob quatro aspectos diferentes: «De modifier la réalité extérieure, de nous former, de

¹³⁰ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd du Seuil, Paris 1944- 1950, p. 498.

¹³¹ Ibidem p. 500.

¹³² Ibidem p.498.

nous rapprocher des hommes, ou d'enrichir notre univers des valeurs»¹³³. Quatro requisitos, que devem estar presentes em todas as nossas acções, dando um verdadeiro sentido às finalidades que pretendemos atingir.

Mas Mounier, nesta teorização sobre o agir, em que determina o trabalho como a sua forma de expressão, e o compromisso como condição da sua autenticidade, desenvolve igualmente as quatro vertentes distintas em que assentam, embora complementares e interligadas. Para fazer a abordagem deste tema, Mounier recorre a vocábulos gregos, para melhor diferenciar o sentido mais profundo do seu significado:

Na primeira vertente, a “acção como fazer”, (o grego *poiein*) – a finalidade é transformar o mundo exterior, as coisas, fabricar objectos, organizar o trabalho dos outros em função da produção. É a função “economia” do agir humano, sempre presente ao longo da sua existência, com recurso a evolutivos meios técnicos e científicos, obedecendo a critérios de eficácia, racionalidade, que distingue a acção do homem daquela que existe em todos os outros seres.

Mas Mounier desde logo alerta para que esse agir, embora necessário, legítimo, essencial, só por si não pode ser uma finalidade que dê satisfação ao ser Humano, à Pessoa;

É necessário que no trabalho que executa, reconheça dignidade pessoal e tenha sentimentos de fraternidade para com os colegas. A economia deve ter dimensão ética, sob pena de perder o seu sentido.

Se mudamos o ângulo da perspectiva, para agir (*prassein*), 2ª vertente, o ser humano assume-se como agente de formação, consolidante de unidade pessoal daquele que trabalha, dando autenticidade ética ao agir, como “Poien”. À actividade e ao produto económico que daqui se obtém, é indispensável acrescentar uma dimensão Humana, moral, consubstanciada no “*prassein*”.

A terceira vertente do agir (*Teorein*) é para Mounier aquela que permite enriquecer o nosso Universo de Valores, sendo por isso mais contemplativa, material e economicamente desinteressada. Tem como fim a procura da perfeição e da universalidade, na busca de valores autênticos.

É um agir que Mounier denomina de “profético”, que permite a ligação do contemplativo e do profético inerente à Pessoa, na sua integralidade de

¹³³ Ibidem p. 500.

corpo/espírito.

A quarta e última perspectiva do agir, é a sua dimensão colectiva, no viver em comunidade que se verifica quando da realização do trabalho e também, ou sobretudo, do destino: sem esta vertente, não há lugar para uma humanização integral, para situar a Pessoa no mundo das Pessoas. O seu falhanço é o triunfo dos modelos totalitários, comunismo e fascismo como salienta Mounier¹³⁴.

É preciso cumprir toda a teoria da acção nas suas quatro vertentes, para se compreender o seu objectivo e o entendimento da Pessoa, situada num patamar mais elevado, a teoria do compromisso dominada pelos pólos “político” e “profético”.

Diz Mounier que «on ne peut être tout à la fois: mais l'action au sens courant du mot, celle qui a incidence sur la vie publique, ne saurait sans se déséquilibrer se donner une base plus étroite que le champ qui va du pôle *politique* au pôle *prophétique*. L'homme d'action accompli est celui qui porte en lui cette double polarité, et louvoie d'un pôle à l'autre, combattant tour à tour pour assurer l'autonomie et régler la force de chacun, et pour trouver des communications de l'un à l'autre. Le plus souvent, le tempérament prophétique, qui vit dans la méditation et l'audace, ne coexistent pas dans le même homme»¹³⁵.

Mas temos de ter sempre presente que não é somente através do pólo político nem do pólo profético que se consegue atingir o absoluto, a perfeição, que não existem neste mundo. A perfeição é somente uma aspiração, uma inquietude, uma via que se percorre pelo compromisso: «on parle toujours de *s'engager* comme s'il dépendait de nous: mais nous *sommes engagés*, embarqués, pré – occupés.

C'est pourquoi l'abstention est illusoire. Le scepticisme est encore une philosophie; la non intervention, entre 1936 et 1939, a engendré la guerre d'Hitler, et qui ne «fait pas de politique» fait passivement la politique du pouvoir établi. ».¹³⁶

Mas em que consiste este compromisso, onde está a sua força? «sa force créatrice naît de la tension féconde qu'il suscite entre l'imperfection de la cause et sa fidélité absolue aux valeurs impliquées.»¹³⁷

¹³⁴ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, éd Du Seuil, Paris, 1944- 1950, p. 503/504.

¹³⁵ Ibidem p. 503/ 504.

¹³⁶ Ibidem p. 504.

¹³⁷ Ibidem p. 504/505.

Princípios de acção bem diferentes daqueles que nos podem conduzir ao aventureirismo, permitido pela nossa liberdade. É este risco que leva Mounier a afirmar que nem todo o tipo de acção, é válido para realizar o homem como Pessoa. A acção, tal como a compreende Mounier, só tem uma finalidade autêntica: a do compromisso ético da Pessoa consigo própria, com os valores que a formam e se vão refinando pela dimensão profética do espírito, através da realização económica do trabalho que produz e do seu envolvimento com a comunidade, fora destas vertentes, não há compromisso.

Não admitir estes princípios, como diz o filósofo, referindo-se aos intelectuais e aos académicos do seu tempo, é «donner l'exemple de l'aveuglement, et [...], de la lâcheté.».¹³⁸

Caracterizar como um imperativo ético a abertura ao Outro, à comunidade, sem perda da sua condição de um ser uno, original e livre que pode auto-construir o seu projecto de existência totalmente empenhado em transformar o mundo num esforço e atitude comum a todas as outras Pessoas, é o desafio que se coloca a cada uma «chacun n'a sa vérité que relié à tous les autres»¹³⁹ frase que já citamos embora noutro contexto, e é determinante dos seus princípios da acção.

Mas temos de estar conscientes que esta abertura, este modo de se expor, implica uma dinâmica de liberdade que contempla o conflito das escolhas. O poder de optar entre o sim e o não, envolve sem dúvida uma angústia que é real, dado que a unidade a construir por si, em si e o transcendente é uma permanente busca, avaliação, hesitação e decisão que só fica concluída com o encerramento do ciclo biológico. Pela importância do assunto foi reservado para o último capítulo deste trabalho, a fundamentalidade da comunicação em Mounier, tema que se segue.

¹³⁸ Ibidem p. 506.

¹³⁹ Ibidem, p. 438.

Capítulo V

A fundamentalidade da Comunicação no conceito de Pessoa em Mounier

«D'emblée, nous avons campé la personne au grand air. IL s'agit maintenant d'en rechercher l'expérience fondamentale. Contrairement à une opinion répandue, ce n'est pas l'originalité, le quant à soi, l'affirmation solitaire; ce n'est pas la séparation, mais la communication».¹⁴⁰

Emmanuel, Mounier

A importância que Mounier deu ao tema da Comunicação, desde logo, captou o nosso interesse aquando da leitura da Obra "*Le Personnalisme*" constando posteriormente ser um problema por ele frequentemente abordado noutros livros e artigos que foram publicados na revista *Esprit* incluídos em *Oeuvres*.

É certo que a Comunicação é somente uma das estruturas do Universo Pessoal e, como Mounier não as hierarquiza, podemos admitir que atribui igualdade de importância conceptual a todas elas.

Todavia, na nossa opinião, a Comunicação tem um lugar único na estrutura do Universo Pessoal, por ser aquela que, como temos vindo a evidenciar, nos põe em contacto com o Outro, nos identifica com ele, com o mundo, com o Ser Supremo. A finalidade do Homem, para Mounier é Comunicar: «On peut même dire que le destin central de l'homme n'est pas de maîtriser la nature, ni de savourer sa propre vie, mais de réaliser progressivement la Communication des consciences et la compréhension universelle. C'est pourquoi dès le début nous avons toujours indissolublement associé les termes: personnalisme et communautaire. »¹⁴¹

Com alguma "radicalidade" permite-nos até dizer que, sem Comunicação, não há lugar para determinar o que seja Pessoa, pelo que todas as outras estruturas, sem ela, deixariam de fazer sentido.

Na verdade as restantes estruturas são qualificações e manifestações da Pessoa, como ser único, essencialmente centradas na sua interioridade, e como tal podem-se manter mesmo que ela faça opções contrárias ao natural convívio de

¹⁴⁰ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd du Seuil, Paris, 1944 – 1950 p. 451.

¹⁴¹ Ibidem, p. 223.

quem vive em comunidade, procurando voluntariamente isolar-se dos outros, da sociedade ou, mesmo que nela viva, resignando-se a abdicar da sua liberdade, aceitando que lhe diminuam as condições de dignidade, procurando fugir ao afrontamento. São, digamos, ainda atributos do ser Pessoa que, para se verificarem unicamente precisam de ter como condição necessária e suficiente estarem suportados na existência incorporada.

Mas, relativamente à comunicação, encontramos-nos num plano qualitativa e quantitativamente diferente, em que a existência incorporada, sendo condição necessária, tal como em todas as outras estruturas, todavia não é suficiente, impossibilitando que a Pessoa se realize e auto-construa se estiver em situação de isolamento absoluto, ou seja sem Comunicação com o Outro.

Para haver comunicação são precisas, pelo menos, duas Pessoas e, se tal não acontecer, o sentido das outras estruturas, salvo a existência incorporada, perdem o seu significado, a sua dimensão: como entender o que seja a “liberdade incondicionada”, a “eminente dignidade”, o “compromisso”, o “afrontamento”, sem considerar como indispensável a presença do Outro e dos seus valores, com quem a Pessoa possa estabelecer Comunicação e interagir através de opções de adesão ou de confronto, qualquer que seja o seu nível de intensidade?

O isolamento é uma situação vazia de sentido ontológico e ético, e como tal destruturante do conteúdo de Pessoa, a qual só pode ser entendida na sua plenitude quando existe a possibilidade real e existencial de comunicação com o outro, mesmo que as outras estruturas não atinjam igual plenitude, estando somente, latentes, diminuídas ou inactivas por vontade do próprio.

De algum modo estamos a “ousar” dizer que Mounier poderia ter organizado de outra forma o seu livro *Le Personnalisme* tomando a Comunicação como ponto de partida nuclear e, a partir dela, desenvolvendo os conteúdos das restantes estruturas do Universo Pessoal: «Ainsi et de fait, dans l'univers où nous vivons, la personne est bien plus souvent exposée qu'entourée, désolée que communiquée. Elle est avidité de Présence: mais le monde entier des personnes lui est massivement absent. La communication est plus rare que le bonheur, plus fragile que la beauté. Un rien l'enraye ou la brise entre deux sujets: comment l'espérer entre un grand nombre? ” L'univers des sujets fait songer à une machine aux courroies sautées, où les rouages tournent en désordre” (Nédoncelle); un

monde cassé (G. Marcel) »¹⁴²

Como Mounier refere logo na abertura do capítulo segundo do *Personalismo*, a experiência fundamental da Pessoa « Ce n'est pas l'originalité, le quant à soi, l'affirmation solitaire; ce n'est pas la séparation, mais la communication »¹⁴³. Sem esta a Pessoa perde a sua capacidade de inter-agir com O Outro, anulando assim a sua primeira e mais relevante condição distintiva comparativamente aos outros seres.

No fundo, Mounier com alguma originalidade apresenta-nos a sua versão do clássico problema filosófico da “alteridade”:

É pela Comunicação, como atributo estruturante da Pessoa, que se concretiza a possibilidade de o Eu se relacionar e inter-agir com o Outro (alteridade), ultrapassando a natural tendência para o individualismo. Reside na Comunicação a única possibilidade de vencer a barreira, física e espiritual, da tentação de se refugiar no “conforto” da sua intimidade, do Individualismo e das distorções que ela provoca na Pessoa no verdadeiro sentido de realização da vida, fazendo a Pessoa cair num isolamento, voluntário ou involuntário que, a não ser ultrapassado, provoca a sua aniquilação.

Mas, para se conseguir a verdadeira comunicação, no sentido personalista que lhe é dado por Emanuel Mounier, esta somente é possível quando estabelecida entre pessoas que, embora dotadas de naturais diferenças intrínsecas a nível de corpo espírito que se verificam entre si, reconhecem que estão colocadas no mesmo plano de igualdade, única forma de ultrapassar correctamente a relação “senhor/escravo”.

Esta forma de relação, gerada a partir de uma grande diferença do poder detido pelos senhores perante os escravos ainda que por razões distintas, é contudo aviltante para ambos, foi um tipo de convivência institucionalizado em anteriores sociedades, e como tal por todos aceite.

Todavia, e apesar de internacionalmente abolida desde há dois séculos, infelizmente é uma situação que ainda se prolonga pelos tempos modernos, mesmo em sociedades ditas civilizadas, particularmente aquelas que estão mais

¹⁴² Ibidem p. 456.

¹⁴³ Ibidem, p. 451.

conectadas com regimes colectivistas, embora não de forma oficializada e até objecto de condenação formal pelos organismos internacionais, quando não dos regimes que as praticam.

Mounier no texto desenvolvido sob o tema *Le moi parmi les autres*, tem uma dura avaliação sobre os falsos “direitos” a que se arroga o indivíduo na sua relação com o Outro quando está formulada na base da que regula a do senhor/escravo quando escreve «L’impérialisme de l’individu est tel que la chose la plus difficile à faire accepter à un homme, c’est bien l’existence intégrale, à ses côtés, d’un autre homme revêtu des mêmes privilèges que lui»¹⁴⁴.

Os colectivismos, de direita ou de esquerda, ao defenderem teses igualitaristas, embora propondo o modelo errado de considerarem aqueles como um simples somatório de indivíduos em vez de um conjunto de Pessoas, teoricamente têm afinidades com os fundamentos do altruísmo «l’amour par autrui». Porém, ao não conseguirem eliminar de forma correcta as insuficiências do individualismo, definido por Mounier como («un système de mœurs, de sentiments, d’idées et d’institutions qui organise l’individu sur ces attitudes d’isolement et de défense»),¹⁴⁵ proporcionam que se estabeleça uma maior confusão e dela se tire um proveito, político, económico, social entre os conceitos de Pessoa e de indivíduo, o que para Mounier era não só inaceitável mas também condenável.

Contrariamente a Pessoa sem perda da sua individualidade e do seu intimismo, por definição é igualitariamente aberta ao Outro, à natureza. O indivíduo é, para Mounier, aquele que se encontra fechado sobre si próprio fazendo com que a hostilidade e a indiferença relativamente ao outro surjam nele como atitudes “legítimas” de que dispõe para ter aquela subjectiva e egoísta visão do mundo, fazendo de cada um deles qualificativos numéricos e, como tal, passíveis de serem pensados despersonalizadamente remetendo-os à simples condição de objectos.

Assim, para esta concepção egocêntrica de indivíduo, de inspiração nietzscheana, todos os outros são tidos como objectos passíveis de manipulação, colocando-os num plano inferior ao seu, posição antitética do pensamento

¹⁴⁴ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome II, Éd. Du Seuil, Paris, 1961, p. 513.

¹⁴⁵ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd. du Seuil, Paris, 1944 – 1950, p. 452.

mouneriano, em que a Pessoa é aquela que supera o individualismo, por ultrapassar voluntária e conscientemente a linha fechada do seu ego, que separa a fronteira entre egoísmo e altruísmo.

O altruísmo só se consolida na medida em que a Pessoa continuamente se “purifica” do egoísmo, pela intensificação da relação interpessoal que contribui para a sua autoconstrução, em síntese pela Comunicação.

A vocação da Pessoa é viver em diálogo, partilha aberta e solidária com os outros, mas sempre com respeito pela autonomia e valores de cada um, em plano de igualdade. É fundamental respeitar e ter sempre em consideração que a diferença, e por vezes o confronto surgido na busca da verdade, é tão natural como o consenso. E só a partir da perspectiva de que essa busca deve ser efectuada em plano de igualdade entre Pessoas, se pode chegar a uma convergência real sobre a autenticidade da vida em Comunidade.

A óptica individualista que está subjacente à já referida posição “senhor/escravo” é antinatural porque não é comunicação verdadeira como expressão primeira e autêntica de um ser quando enfrenta o outro.

Citando Mounier, «l'expérience primitive de la personne est l'expérience de la seconde personne»¹⁴⁶. Um pouco na linha de Ortega e Gasset, a Pessoa é o ser Humano mais as suas circunstâncias, representando o Outro o que há de mais fundamental e importante para a sedimentação de tudo o que ele vai autoconstruindo, a partir de criança com as suas primeiras identificações de si próprio em relação ao mundo que o circunda e em relação à tomada de conhecimento, por via experimental, do Outro. A Situação de pureza cognitiva do Outro por via experimental em que o preconceito está excluído, vindo a consciencialização da Comunicação transcendente a ser conseguida com o crescimento e amadurecimento racional da Pessoa.

Sendo cristão, (observa Mounier, como um dos maiores teorizadores do personalismo cristão e da filosofia como da acção prática), a Pessoa deve estabelecer elos na convivência familiar, no trabalho, no círculo de amigos, numa base de respeito mútuo e diálogo profícuo e fecundo, mas posicionando – se sempre criticamente na defesa dos valores autênticos, pelo que não deve aceitar

¹⁴⁶ Idem, p. 453.

as impressões providas do exteriores como dados adquiridos. «Il n'y a pour le chrétien ni citoyens ni barbares, ni maîtres ni esclaves, ni juifs ni gentils, ni Blancs ni Noirs, ni jaunes, mais des hommes tous créés à l'image de Dieu et tous appelés au salut par le Christ»¹⁴⁷.

Empenhar-se em permanência na sua autoconstrução (uma das dimensões essenciais da vida) é uma das tarefas-chave da Pessoa humana, defendida por Mounier. Neste sentido a Pessoa realiza-se numa perspectiva de partilha de experiências e aprendizagem sobre ele próprio e em relação aos outros, pela descoberta do seu próprio “eu” através dos outros. A presença da Pessoa é sempre dirigida ao Outro e este, longe de ser um obstáculo ao nosso ser, revela-se como idêntico ao nosso, o que permite a reciprocidade de consciências.

Num muito interessante trabalho *Qu'est-ce que Le Personnalisme?* Mounier aponta-nos um inquestionável ponto de identificação entre os existencialistas. «S'il est une affirmation commune à toutes les philosophies personalistes dont nous nous réclamons, des philosophies chrétiennes comme celles de Kierkegaard, de Scheler, de Gabriel Marcel, de Berdiaeff, aux pensées agnostiques comme celle de Jaspers, c'est que la démarche essentielle d'un monde de personnes n'est pas la perception isolée de soi (cogito) ni le souci de soi égoцентриque, mais la communication des consciences (la “réciprocité des consciences”, dit Maurice Nédoncelle dans une récente thèse), nous dirions mieux: la communication des existences, l'existence avec autrui, il faudrait écrire la comexistence (mitsein)».¹⁴⁸

Resulta daqui que a experiência profunda de ser Pessoa não se verifica unicamente centrada no eu, mas necessita sempre de um Tu, fundamento de relação interpessoal que pressupõe o Nós. Na Comunicação existe assim um ritmo dialéctico dinâmico, relacional, envolvendo o “Eu/Tu/Nós”. É uma Comunicação existencial, conforme a define José Ferrater Mora «La comunicación existencial, única e irrepetible, tiene lugar entre seres que son “sí mismos” y no representan a otros – a comunidades, ideales o cosas. Sólo en tal comunicación “el sí-mismo existente para el otro sí-mismo en mutua creación”. Ser sí-mismo no

¹⁴⁷ Ibidem, p. 460.

¹⁴⁸ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, éd Du Seuil, Paris 1944 – 1950 p. 208.

es ser aisladamente, sino serlo con otros “si mesmos” en libertad. De este modo se supera tanto el solipsismo como el universalismo de la existencia empírica; no hay que interpretar, en efecto, la comunicación existencial como un modo de soledad o de comunidad empíricas». ¹⁴⁹ Direi que é este o sentido mais profundo e autêntico no estabelecimento da Comunicação, ao permitir formar uma relação trinitária análoga à da Santíssima Trindade.

Para Mounier, não basta limitarmo-nos a falar do tu, ou do eu, em separado. É necessário ter sempre presente a implicação de ambos no Nós. É uma posição concordante com aquela que defende Gabriel Marcel, de que o Homem na sua qualidade de ser inteligível e livre, isto é, na sua dignidade de Pessoa, excede infinitamente o plano da objectividade. Muito mais e melhor do que ser um “problema”, o homem é um “mistério”. O seu ser, consubstancial na existência, da união da alma com o corpo, dotado de liberdade, conhecimento, amor, reúne os aspectos essenciais e do mistério fundamental da existência humana, a que chamamos Pessoa.

O eu significa assim que uma Pessoa é igual a Outra, dotada de atributos, idênticos aos seus, (pelo que não pode ser tratada como objecto). É sempre alguém com quem temos que dialogar, partilhar a nossa existência, numa palavra amar. « En libérant celui qu'elle appelle, la communion libère et confirme celui qui appelle. L'acte d'amour est la plus forte certitude de l'homme, le cogito existentiel irréfutable: J'aime, donc l'être est, la vie vaut (la peine d'être vécue). Il ne me confirme pas seulement par le mouvement dans lequel je le pose, mais par l'être qui m'y donne autrui » ¹⁵⁰.

O acesso ao conhecimento do meu próprio eu, como Pessoa, passa assim necessariamente pela experiência que se centra em mim e é a partir desta que se revela, por inteiro, e numa abertura incondicional aos outros seres e ao Ser Supremo.

Na comunicação está implícito um princípio de aceitação de alteridade em que o eu precisa de um tu /outro que se fundem no nós, numa relação íntima à qual a transcendência confere uma dimensão superior, que não permite nem se

¹⁴⁹ Mora José Ferrater, **Dicionário de Filosofia**, Tome I, A – k Editorial Sudamericana, Buenos Aires – p. 318

¹⁵⁰ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd Du Seuil, Paris, 1944 – 1950 p. 455.

limita a uma simples ligação entre Indivíduos – objectos. «Accepter autrui, ce n'est pas seulement le tolérer par indifférence, ainsi que font les tempéraments pauvres, amorphes, et apathiques, qui n'ont pas en eux assez d'élan pour dépasser le cercle étroit de l'égocentrisme végétatif»¹⁵¹.

Mas é uma interligação que tem de se manifestar de forma desinteressadamente pura, e não egoística, situação que, comenta Mounier, é pouco usual, sendo até mesmo frequentemente entendida e aproveitada como a capacidade de que o homem dispõe para dominar o outro, em nome do seu poder económico, social, militar.

«Je puis donner l'apparence d'accepter l'existence d'autrui et cependant réduire cette existence, soit au service de la mienne, soit à quelque manière d'être qui soi une négation pratique des privilèges de l'existence personnelle»¹⁵².

Quando isto acontece, infelizmente de forma tão usual e frequente que já nem é motivo de censura colectiva, quem exerce esse domínio, empobrece-se como pessoa, e deixa eticamente de o ser na perspectiva de integralidade de corpo e espírito, representativa da existência incarnada.

Aquela posição de domínio, sendo uma forma de estar na vida reveladora de um indivíduo egoísta, sem valores éticos, provoca naquele que sofre os abusos o sentimento e a consciência de estar a ser humilhado, ofendido na sua dignidade, e muitas vezes também espoliado de bens de que legitimamente dispõe, factores que reduzem a sua liberdade, levando a ter atitudes de autodefesa, de isolamento, necessidade de cortar a comunicação com os outros.

Um negativo círculo vicioso em que uma franca e bem estruturada abertura ao outro pode levar a Pessoa a sentir-se prejudicada, a retrair-se num auto-isolamento fechado sobre si próprio; porém se, pelo contrário, existir uma exteriorização meramente emotiva, sensorial que não esteja bem apoiada em valores verdadeiros, tornar-se mais fácil a Pessoa ficar vulnerável a ilegítimos interesses que o outro queira dela tirar.

O reconhecimento do primado dos interesses individuais baseados em posições de força, sem estabelecimento de diálogo e comunicação entre as pessoas, foi largamente praticado ao longo da História, mas não filosoficamente

¹⁵¹ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome II, Traité du caractère 1961, Éd. Du Seuil, Paris – p. 514.

¹⁵² Ibidem p. 483.

sustentado na Europa até finais do séc. XVIII. A partir do período pós-Kantiano, as teses defensoras do Individualismo, passaram a ter os seus teorizadores sustentados por pressupostos positivistas, imanentistas, cientifistas não transcendentais tendo como figuras predominantes, Stirner, Nietzsche, Guyau, adeptos de correntes anarquistas e, já no séc. XX, os existencialistas.

São a antítese do personalismo cristão de Mounier, e que ele não deixa de criticar por serem contrárias ao seu conceito de Universo Pessoal de liberdade individual ao desvalorizarem como fundamental para a importância e o significado que ele dá às suas estruturas, nomeadamente à fundamentalidade da Comunicação, como elo indispensável à inter-relação conseguida de forma transcendente entre “o Eu”, “Outro”, “Ser Supremo”.

«Nous ne concevons plus l’homme libre comme un solitaire: ainsi coupons-nous, à côté des collectivismes, avec le monde d’hier. La solitude intérieure est ici hors de cause. Au-delà de la solitude individualiste, qui survit dans la masse, si la masse n’est pas articulée sur le développement des vies personnelles, subsiste au coeur de la condition humaine une solitude essentielle, témoin de son inépuisable désir»¹⁵³.

É desta relação inter-comunicativa das Pessoas que pode surgir uma obra feita em comum, como resultado de um diálogo produtivo e fecundo entre os membros de uma comunidade, benéfico para a melhoria das diferentes culturas onde se integram. Para Mounier, o Eu só existe em função do Outro e é a maximização da intensidade com que eles comunicam que lhe permite afirmar que “ser é amar”. Neste sentido entende-se o alter-ego como o que falta, o que está ausente ao ego e lhe é indispensável para se afirmar como um Eu integral. É indispensável que haja uma reciprocidade entre ambos tal como acontece com as duas faces da mesma moeda.

Por isso, advoga a necessidade da criação de uma “sociedade de pessoas”, não de indivíduos como primeiro passo para a realização do que entende ser Pessoa, estando assim em sintonia com a posição de Gabriel Marcel quando este considera que os actos comunicativos, no sentido de serem

¹⁵³ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd du Seuil, Paris, 1944 – 1950 p. 223.

intrínsecos à sua realização são únicos e originais da Pessoa e não têm paralelo em mais nenhum outro ser.

Para Mounier esta Comunicação «se fonde sur une série d'actes originaux qui n'ont leur équivalent nulle part ailleurs dans l'univers»¹⁵⁴:

1º Sair para fora de nós próprios, vencendo o egocentrismo, o amor-próprio. Ser comprometido no amor-próprio, para se poder abrir ao outro como igual a ele.

2º Ser capaz de se compreender a si próprio é compreender o outro. É um processo que se desenvolve de forma dialéctica e não dissolvente conforme se depreende pela citação que Mounier faz de Desclée de Brouwer e que subscreve «être tout à tous sans cesser d'être, et d'être moi: car il est une manière de tout comprendre qui équivaut à ne rien aimer et à n'être plus rien; dissolution en autrui, non pas compréhension d'autrui»¹⁵⁵.

Como vemos não é uma maneira intelectual de se colocar, academicamente, no ponto de vista do Outro guardando assim as respectivas distâncias, mas tendo a vontade concreta de fugir do egocentrismo, do narcisismo, para assim perceber, sem artifícios, a realidade do Outro. Não podemos olhar para o Outro com um sentimento de superioridade originado num falso preconceito intelectual, de hierarquias fundamentadas na posição social, raça, cor da pele, sexo. Na qualidade de Pessoa, somos todos iguais, em direitos e obrigações.

3º Assumir o destino colectivo. Tomar como se fossem nossas as alegrias e tristezas dos Outros.

4º Dar-se ao outro gratuitamente numa atitude altruísta sem qualquer outra motivação que não seja um acto de amor, o "l'amour pour l'autrui", verdadeiramente desinteressado quanto a valores terrenos mas somente possível de ser perspectivado numa dimensão transcendente.

5º Ser fiel às suas convicções, aos seus ideais, aos seus valores.

O homem tem um projecto ideal a realizar, uma "aventura" a ser vivida do nascimento até à morte, por isso tem que ser coerente na sua acção, para que ele

¹⁵⁴ Ibidem, p. 454.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 454.

se cumpra tão fielmente quanto possível.

O dever ético da Pessoa é, por natureza, dar continuidade ao processo de vida que está em contínuo desenvolvimento, o seu próprio e o do mundo que habita, ou seja, envolver-se em conseguir dominar a natureza, mas mantendo-a igualmente aberta aos Outros pela vivificação das relações comunicacionais que permitam a todos beneficiar de condições mínimas que os façam viver com dignidade. É a Comunicação o veículo privilegiado da transpessoalidade, necessário para travar o egocentrismo, ao fazer a Pessoa compreender e aceitar os valores que lhe são propostos pelo Outro, fundamento do altruísmo.

Em todas as sociedades modernas compete à organização político-social garantir às pessoas as condições mínimas de dignidade, os quais são valores de base, para garantir a felicidade, pois se o homem não ultrapassar a fase da miséria física e social, não terá acesso aos valores do espírito. Esses valores básicos, referentes essencialmente à saúde e economia, sem dúvida que são vitais, necessários, indispensáveis, mas não constituem, para Mounier, o valor supremo, aquilo que ele chama Felicidade.

Para ele, a Sociedade pode estar bem organizada, sócio-economicamente com elevados índices de rendimento pessoal, familiar, colectivo e no entanto, nela existir miséria de espírito.

O risco deste miserabilismo de espírito poder acontecer, é devido à circunstância de as Pessoas não comunicarem entre si, não partilharem valores, não estimularem movimentos de transpessoalidade, tornando-se assim frequentemente infelizes por não realizarem os nós, deixando-se aí voluntariamente cair, ou passivamente conduzidos a uma solidão, por vezes irreversível, que os leva a atitudes auto-destrutivas.

«Aussi bas que puisse se situer un univers d'hommes, est ce que Heidegger a appelé le monde de l'On, celui où nous nous laissons agglomérer quand nous renonçons à être des sujets lucides et responsables: le monde de la conscience somnolente, des instincts sans visage, de l'opinion vague, du respect humain, des relations mondaines, du bavardage quotidien, du conformisme social ou politique, de la médiocrité morale, de la foule, de la masse anonyme, de l'appareil irresponsable.

Monde dévitalisé et désolé où chaque personne s'est provisoirement renoncée comme personne pour devenir un quelconque, n'importe qui, interchangeable. Le monde de l'On ne constitue ni un *nous* ni un *tout*. Il n'est pas lié à telle ou telle forme sociale, il est en toutes, une manière d'être. Le premier acte de la vie personnelle est la prise de conscience de cette vie anonyme et la révolte contre la dégradation qu'elle représente»¹⁵⁶.

A Pessoa é sempre ela mais o Outro, e realiza-se tanto mais quanto maior for a dinâmica de alteridade a Comunicação com o outro, individual ou colectivo. Dai a importância que Mounier dá a esta estrutura do Universo Pessoal, pois é através de si que se pode verificar a relação do Eu e do Tu, na potenciação do Nós.

Mais do que nunca é necessário uma ética pessoal mais comprometida e adequada ao contexto actual e que não pode ser de modo algum indiferente às consequências das nossas acções.

Na verdade, a Comunicação, tal como as pessoas individualizadas ou integradas em comunidades "Pessoa das Pessoas", na expressão de Mounier não é estática mas sim evolutiva, autoconstrutiva e para cada época ou Sociedade tem de haver formas diferentes de a estabelecer.

Neste início de século XXI, na sociedade globalizada em que vivemos, os seus resultados são teoricamente sempre benéficos mas podem ter efeitos práticos devastadores quando deixados unicamente ao critério de interesses egocentristas e desprovidos de valores éticos relativamente a si próprio e ao outro a quem se dirige.

É nas experiências genuinamente humanas, que encontramos a dimensão mais profunda da Comunicação com o Outro.

Numa época em que cada vez mais os problemas do homem, mesmo aqueles que se confinam ao microcosmos familiar, emprego, segurança, qualidade ambiental e outros são resolvidos à escala global, ao estar integrados e dependentes de grandes articulações e decisões sistémicas, nós não podemos agir sem ter consciência de que aquilo que fazemos, o que já somos, ou podemos vir a ser, deverá ter em conta a realidade do Outro como igual a mim, porque me

¹⁵⁶ Ibidem, p. 458.

complementa e contribui para me consciencializar sobre mim próprio, relativamente às acções que pratico a título Pessoal ou como interventor de um grupo Social.

Nesta agitada forma contemporânea de viver, a Comunicação não só tem de estar sempre presente, mas deve ser intensa e verdadeira. Mas onde encontramos nós a “pedra de toque” dessa autenticidade?

A comunicação verdadeira fundamenta-se no Amor entre as Pessoas, esse espírito que deve orientar o agir e o relacionamento entre elas, no reconhecimento da existência da liberdade e da dignidade, como estruturas do Universo Pessoal.

Só a partir do Amor fruto da Comunicação com o Outro, o individualismo egocêntrico pode ser vencido.

Mas esta não é uma “batalha” antecipadamente ganha, se for unicamente baseada em pressupostos teóricos, se não for traduzida na acção prática:

O Ser Humano, em várias épocas da sua história particularmente nos tempos modernos, correu e continua a correr o risco de perder a consciência da sua dignidade, da sua liberdade e dos valores como pessoa, deixando-se manipular pelos outros e até por si próprio quando abdica de ser integralmente Pessoa. «Devant l’homme-instrument, il n’est plus de limite à l’inhumanité. Notre collectivisme est au contraire un collectivisme de personnes responsables et libres»¹⁵⁷.

Certamente que é necessário reflectir sobre as grandes linhas gerais que presidem aos direitos humanos, entendidos como procedimentos a ter na Sociedade.

Mas é sobretudo urgente que as relações entre as pessoas sejam autenticadas com o selo da coerência, da verdade, da tolerância. Só pela Comunicação, entre as Pessoas e as comunidades que as representam haverá uma verdadeira harmonia para toda a Humanidade.

Mounier assume um compromisso ético com os seus contemporâneos ao propor-lhes uma nova cultura civilizacional baseada numa revalorização do ser Humano como Pessoa, orientada por um quadro de valores que o qualificam

¹⁵⁷ Ibidem, p. 224.

como “habitante” participativo num mundo terreno e igualmente o ajusta a uma outra dimensão transcendente que o liga ao Outro e ao Ser Supremo.

Na sua concepção de Universo Pessoal a Comunicação é a estrutura que permite a partilha de valores por seres autónomos, o Eu, o Tu, o Ser Supremo e o garante público da validade dos compromissos assumidos.

Mounier era um homem de compromissos, o que o leva, à defesa dos valores em que acredita, a Comunicar com a Sociedade do seu tempo, e a intervir social, política e filosoficamente através das suas posições perante a crítica situação de Europa em que vivia e se veio a confirmar como terrivelmente trágica.

Ele nunca se perfilha como um académico mas sobretudo como um filósofo da acção prática, que pretende fazer pedagogia interventiva e através da qual tenciona demonstrar que a criação de valores é uma responsabilidade a ser assumida por cada Pessoa e não um Bem platónico a que todos passivamente aspiramos chegar.

Conclusão

Para Mounier o ser Humano é dotado de uma dignidade que lhe é intrínseca, com uma existência real incorporada, que não o satisfaz plenamente quando se fecha sobre si próprio. Por natureza o ser humano, enquanto Pessoa, tem de viver a “aventura” de Comunicar, de se dirigir ao Outro igualmente dotado de uma condição idêntica à sua, ou seja, aquele que vive ao seu lado, na mesma comunidade, integrado no mundo, não podendo olhar para ele como um simples objecto.

Para que isso seja possível, tem de existir uma aceitação mútua do Eu e do Outro, uma forma de se interligarem no sentido de permitir a construção do Nós. Isto surge como um imperativo para a construção do Eu, ou seja, através da participação ontológica dos seres no Ser Supremo, fundada na base da tomada de consciência do existir enquanto Pessoa.

A Comunicação constitui assim um Valor que deve ser eticamente cultivado por todos. Mas a realidade prática, muitas vezes confere-lhe uma outra roupagem, menos digna, empobrecedora, quando esquece a necessidade de compromisso que liga a Pessoa ao Ser Supremo, ou na forma de Comunicação com o Outro, não reconhecendo a igualdade de planos.

A Comunicação processa-se não só a este nível interpessoal, mas também numa atitude reflexiva, da Pessoa com a sua intimidade.

Na verdade, não obstante a indispensável necessidade de relação com o mundo exterior, existe igualmente na Pessoa um outro atributo igualmente correlativo com aquele: a capacidade de recolhimento sobre si, um intimismo que permite uma descoberta imediata e permanente das forças interiores que terão de ser exteriorizadas, para evitar cair no egocentrismo.

Os problemas colocados por Mounier têm uma modernidade temática ainda muito actual percorridas várias décadas após a sua apresentação constatando-se que nos dias de hoje a Humanidade se reveste das mesmas cores sombrias e não muito diferentes daquelas que ele conheceu.

Nós não podemos viver sem tomar consciência do que somos, e ter em conta a realidade do Outro, aquele que vive ao nosso redor.

Assumimos o meio natural pela consciência, mas não a circunscrevemos apenas a isso, pelo contrário. É pela afirmação pessoal, pela manifestação da sua vontade que o homem indaga e contribui para a transformação da natureza através da maximização de contribuir para a humanização das comunidades obtida na comunhão inter-relacional com os Outros. É nesta linha de pensamento que o dever da Pessoa é, por natureza, continuar o processo de consolidar vivências humanizadas dentro de cada comunidade por uma livre abertura ao Outro num plano de liberdade e não preconceituoso, enriquecedor da autenticidade que deve presidir às relações humanas.

É esta perspectiva de Comunicação defendida por Mounier que neste agitado viver contemporâneo, nos dá a esperança de melhores dias para a humanidade, se nela houver sinais de ser verdadeira e intensa, através da “pedra de toque” dessa autenticidade, o Amor.

Na verdade a Comunicação verdadeira fundamenta-se no acto intenso de Amor entre as Pessoas. E é esse espírito que deve orientar o agir e o relacionamento entre elas, no reconhecimento da existência, em cada um, da sua própria liberdade e dignidade constitutivas das estruturas do Universo Pessoal.

Só a partir do Amor desinteressado fruto da Comunicação com o Outro, o individualismo egocêntrico pode ser vencido. Mas o ser humano moderno corre o risco de perder a consciência da sua dignidade como Pessoa, caindo na manipulação de si. Sem dúvida que é necessário falar de Direitos Humanos, mas é urgente que as relações entre as Pessoas sejam autenticadas com o selo e da coerência, da tolerância. Só assim haverá verdadeira harmonia e clareza na Comunicação.

Não tendo a pretensão de chegar a respostas, concluímos este trabalho na esperança de ter alcançado os objectivos propostos. Pois, tal como nos diz Mounier, a Pessoa «est la seule réalité que nous connaissions et que nous

fassions en même temps du dedans. Présente partout, elle n'est donnée nulle part», ¹⁵⁸ que vai revelando permanentemente, num processo dinâmico e evolutivo, o “mistério” da sua realidade.

¹⁵⁸ Mounier, Emmanuel, **Œuvre de Mounier**, Tome III, Éd Du Seuil, Paris, 1944 – 1950 p. 431.

Obs: Rodapé já utilizado na p. 31 do presente trabalho, dada a importância desta ideia para a finalização desta tese.

Bibliografia

Bibliografia principal:

Œuvres I, II, III, IV, São as principais Obras de Mounier, bem como os Artigos e Boletins compilados e publicados por sua mulher Paulette Mounier a partir de 1961.

Tome I.

– MOUNIER, Emmanuel., *Œuvres*, 1931-1939; Éditions Du Seuil, Paris, 1961

Tome II

– MOUNIER, Emmanuel., *Œuvres : Traité Du Caractère*, 1946, Éditions Du Seuil, Paris, 1961.

Tome III

– MOUNIER, Emmanuel., *Œuvres*, Éditions Du Seuil, 1944-1950 Paris, 1962

Tome IV

– MOUNIER, Emmanuel., *Œuvres*, Recueils posthumes Correspondances, 1950, Paris, 1962

– MOUNIER, Emmanuel., *O Personalismo*, Tradução e prefácio de João Bénard da Costa, Lisboa, Edição Livraria Moraes, 1960.

Bibliografia secundária:

–GONÇALVES, Domingues., Bernardo Domingos, O. P., *A Pessoa entre o Mundo e Deus*, Porto Edição, 1988

COSTA, João Bernard da., *Do Tema do Outro no Personalismo de Mounier*, s.n., Lisboa, 1959;

- DOMINGUES, Aurora., *Emmanuel Mounier e sistemas Sócio-Políticos, A Pessoa como fundamento da Revolução*, dia crítica, Edição, Revista do Centro De Estudos Humanísticos da Universidade Do Minho, 2005;
- MARCEL, Gabriel., *Être ET Avoir*, I Journal métaphysique (1928-1933), Aubier Éditions Montaigne, 1968;
- RICHARD, Michel, *As Grandes Correntes do Pensamento Contemporâneo*, tradução José Saramago, Morais Editora, Lisboa, 1978;
- ARENDT, Hannah., *A Condição Humana*, Lisboa, 2001, Edição Relógio D Água, 2001; Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Cristina Beckert, Margarida Ammaral., *Hannah Arendt: Luz e Sombra*, Edição Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007;
- ROJAS, Enrique., *O Homem Light*, Uma vida sem valores, tradução do original espanhol, Pe. Virgílio Miranda Neves, Eiçã, Gráfica de Coimbra, 1994;
- LALANDE, André., *Vocabulaire Technique Et Critique De La Philosophie*, Presses, Universitaires, de Frances, 1972;
- ABBAGNANO, Nicola., *Dicionário De Filosofia*, Edição, Martins Fontes, São Paulo 2003;
- AKOUN, André., *La Philosophie*, Edição, C.P. L., Paris, 1977;
- *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de filosofia* Edição Verbo, Lisboa, III Vol. 1991;
- FERRATER Mora, José., *Diccionario De Filosofia*, Tomo I, A-K, Editorial Sudamericana, Buenos Aires;
- FERRATER Mora, José., *Dicionário de filosofia*, Alianza Editorial, Barcelona, 1986;
- *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Edição, Verbo — LX III Vol. 1991;
- VALENTINI, Francesco., *A Filosofia Francesa Contemporânea*, II Vol;
- LÉVINAS, EMMANUEL., *Humanisme de l'autre homme*, Paris, Librairie Générale Française - Le Livre de Poche, 1990 ;
- PICO DE LLA MIRANDOLA, Giovanni., *Discurso sobre a dignidade do homem*, trad. Maria de Lourdes S. G., Lisboa, Edições 70, D. L. 1889;
- LÉVINAS, Emmanuel., *Humanisme de l'autre homme*, [Paris]: fata Morgana, -Le livre de poche, Biblio-essais, [1987];

- Buber Martín., *Yo y tú*, [Buenos Aires] : Galeta Nueva Visión, Ideas de nuestro tempo, 1960 ;
- JASPERS, Karl., *La Situation Spirituelle De Notre Époque*, traduit par Jean, 1969 Ladrière et Walter B, 3^a édition, E. Nauwelaerts Louvain/ Descellée De Brouwer Paris, 1952 ;
- HEIDEGGER, Martin., *De L'essence De La Liberté Humaine* : Introduction à la Philosophie, établi par Hartmut Tietjen ; traduit par Emmanuel Martineau.- Paris Gallimard, 1987 ;